DE ARTE E TURISMO

REVISTA PORTUGUESA

REVISTA PORTUGUESA

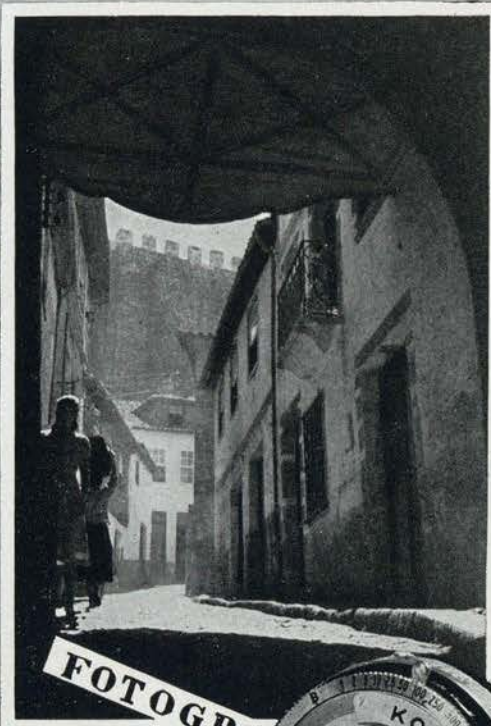
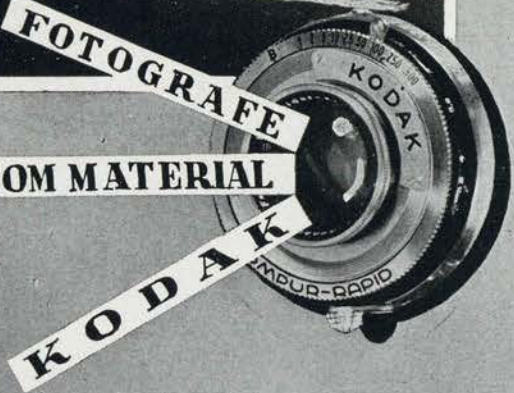
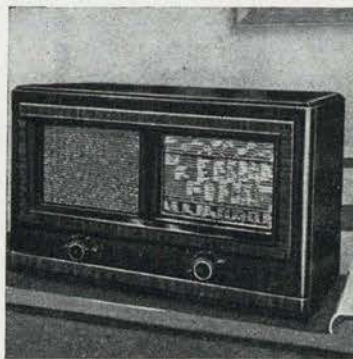
PANORAMA

NUMERO 17 ★ ANO 3.º ★ 1943

Preparado pela

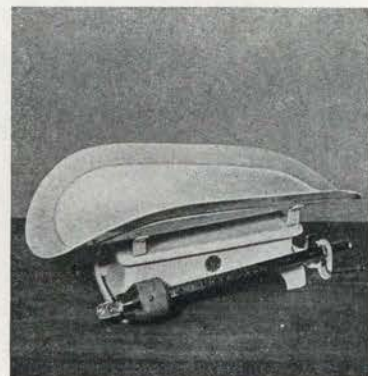
SOCIEDADE DE PRODUTOS LÁCTEOS

AVANCA-PORTUGAL

AVENIDA FONTES • LISBOA • PORTUGAL

Aqui se aconselha...

Eis um receptor que é uma fonte de alegria e distração. É o ORION 244, tão apreciado pelas pessoas de bom gôsto e bom ouvido. Recebe fàcilmente, nas ondas de 13 a 1.950 m., a música e as notícias de todo o mundo. O novo regulador automático de volume compensa perfeitamente as variações de intensidade da onda. O regulador de tonalidade permite escolher o som mais agradável. Representantes: RADIÓFILA, R. Nova do Almada, 80, 2.º, Lisboa.

MOVADO, a marca de relojoaria já considerada por tôda a gente, de incontestável fama mundial, apresenta a fotografia do seu apreciado modêlo CALENDOGRAF, que lhe diz o dia do mês e o dia da semana, as horas, os minutos e segundos. Procure ver um relógio MOVADO e certifique-se cuidadosamente das valiosas qualidades que o tornaram preferido.

Tome nota desta firma e do seu enderêço: GUEDES SILVA & GUEDES, LIMITADA — 32, Rua Eugénio dos Santos, 34, em Lisboa, telef.: 2 3746. Aqui, nesta casa da especialidade, encontram os interessados não só imensa variedade de FERRAGENS para a construção civil, em todos os estilos, como ainda enorme sortido de FERRAMENTAS. Guedes Silva & Guedes, Lda., aceitam também encomendas para CROMAGEM em todos os metais.

O Instituto Pasteur de Lisboa, modelar organização de produtos medicinais, não dedica a sua actividade ùnicamente à preparação de especialidades farmacêuticas. Possui também uma secção onde se fabrica cuidadosamente diverso MATERIAL CIRÚRGICO E SANITÁRIO. A foto mostra um modêlo de balança para a pesagem de crianças, fabricado naquelas oficinas.

que leia, veja e compre

O candeeiro eléctrico, pela sua necessidade de uso, toma obrigatòriamente parte no conjunto duma casa. Assim, ao comprá-lo, escôlha um que constitua motivo valioso de ornamentação. Antes de se decidir por qualquer, visite a FÁBRICA DE CANDEEIROS ELÉCTRICOS, COSTA & MORAIS, LDA., na Rua Serpa Pinto, 1, Lisboa, onde encontrará lindos candeeiros de cristal, ferro forjado, cromados, dourados e *abat-jours* de modelos modernos para todos os géneros.

ENTRE as casas que em Lisboa têm à venda a melhor e maior variedade de produtos de beleza, destaca-se a PERFUMARIA DA MODA, na Rua do Carmo, 5 e 7. Confirmam o que dizemos as numerosas senhoras de bom gôsto que preferem fazer ali as suas compras dos PRODUTOS HARLÉSS, de que aquela perfumaria é depositária. HARLÉSS — são perfumarias de grande classe e, por isso, se explica a enorme procura que têm.

ESTA fotografia é de uma bonita jarra decorativa, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, execúta-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.

TUNGSRAM - KRYPTON é a lâmpada hoje preferida para faróis de automóvel. Dando mais luminosidade do que qualquer outra, dispende menos energia. Esta razão é suficiente para se aconselhar o seu uso. Não lhe parece? — Se quere poupar dinheiro, economizando a bateria do seu carro, faça, pois, a substituïção das lâmpadas do seu automóvel pelas da marca *Tungsram-Krypton*. Com estas, ficam as noites claríssimas. Viajará com mais gôsto e maior tranqüilidade.

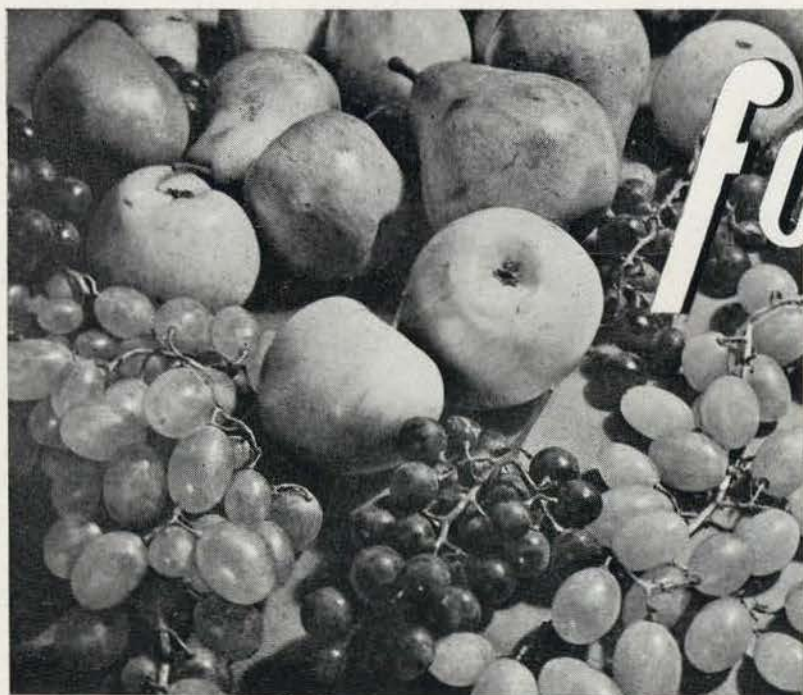
SÃO INCOMPARÁVEIS
OS MARAVILHOSOS
PRODUTOS DE BELEZA

ROSIPÓR
RODAL
YILDIZIENNE
OLY
MYSTIK
E

RAINHA DA HUNGRIA

M'CAMPOS

DA ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

AVENIDA DA LIBERDADE, 35, 2.° · TEL. 2 1866 · LISBOA

ROLEX OYSTER

ROLEX

O relógio de pulso de corda automática

DEPOIS DO SOL É A "TUNGSRAM"
QUE MELHOR ILUMINA PORTUGAL
V. DO CASTELO
BRAGA
BRAGANÇA
PORTO
V. REAL
AVEIRO
VIZEU
GUARDA
COIMBRA
LEIRIA
C. BRANCO
SANTAREM
PORTALEGRE
LISBOA
SETUBAL
EVORA
BEJA
FARO

VILA-NOVA-DE-MIL-FONTES

Ao sul do nosso país, na costa rochosa e árida que se estende desde o Cabo de Sines ao de S. Vicente, encontra-se sòmente um pôrto, o qual, por singular capricho, se chama Vila-Nova-de-Mil-Fontes. Esta vila, onde não existe um único chafariz, é o segundo pôrto do Alentejo e, também, uma das nossas mais velhas povoações da beira-mar.

A sua fundação perde-se nos mais antigos tempos da nossa história, tendo-lhe dado foral em 1512 o rei D. Manuel.

Após a ocupação de Portugal pelos exércitos de Espanha, no ano de 1580, o receio de um desembarque das tropas do Reino-Unido nas praias de Portugal levou o monarca espanhol, então em guerra com a Inglaterra, a fortificar todos os nossos portos do litoral. Ao tempo, era Vila-Nova-de-Mil-Fontes um belo e importante pôrto de mar, servindo o grande estuário do Mira de abrigo seguro a tôdas as embarcações, não se encontrando a sua barra tão entulhada como hoje.

Num penhasco, situado junto à povoação, foi começado por ordem de D. Filipe II no ano de 1608 a construção de um fortim para garantir a defesa do pôrto.

Mais tarde, após a Restauração de Portugal, o novo rei D. João IV em virtude do permanente receio de um ataque marítimo por parte das esquadras de Espanha e, também, para afastar os corsários africanos e luteranos que assolavam o litoral lusitano, ordenou a reedificação do forte erigido em 1608. Após a conclusão das obras, foi a fortificação artilhada com 6 peças e guarnecida por duas companhias de soldados, obrigando-se os habitantes da vila e do seu têrmo a apresentarem-se ao governador logo que fôsse dado o sinal de rebate pelo sino do forte.

Deve ter sido por êste tempo, ou talvez muito antes, que se edificou a tôrre de atalaia, chamada Vigia do Canal, e que ficava situada à beira-mar. Esta vigia servia para advertir os soldados do forte da aproximação dos barcos corsários. Ao serem avistados ao longe, eram pela guarnição da tôrre feitos tantos fogos (ou fachos) quantos fôssem os barcos atacantes. Por sua vez, ao serem êstes sinais avistados do forte, logo o vigia de serviço dava sinal de rebate tocando apressadamente o sino, convidando o povo a pegar em armas e a correr às praias a defender os seus haveres.

O Forte de Vila-Nova-de-Mil-Fontes garantiu sempre a segurança da povoação e do seu pôrto.

Com o andar dos tempos, foram-se acumulando na barra grandes porções de areia que, a pouco e pouco, ia impedindo a entrada dos barcos de comércio de médio calado, e depois mesmo dos mais pequenos pesqueiros.

De ano para ano, a importância dêste pôrto decaía, até se encontrar, como hoje o vemos, quási sem movimento. A povoação, situada a um quilómetro do Oceano, é bem conhecida pelas suas ruas estreitas, tortuosas e mal cuidadas.

Vila-Nova encontra-se ligada com o resto do país por uma boa estrada que, partindo do Cercal, no alto da serra do mesmo nome, desce em rampa suave até às proximidades do Oceano. Além da estrada, ligava-a também, antigamente, com o resto do país um campo de aviação de onde se iniciou uma das nossas mais gloriosas viagens aeronáuticas.

Há anos, encontrava-se o forte de Vila-Nova em reedificação, tendo sido levantada uma parte da muralha da Bateria que caíra no princípio dêste século.

¿Não poderia servir êste antigo forte para nêle ser instalada uma Pousada de Turismo — visto que não se encontra na vila uma única pensão em condições para servir os banhistas que todos os anos ali vão passar a época calmosa?

CARLOS PEREIRA CALIXTO

NAQUELE TEMPO A «PASSAROLA» DEU QUE FALAR, DIZENDO-SE ATÉ QUE VOOU DO CASTELO DE S. JORGE À CASA DA ÍNDIA, NO TERREIRO DO PAÇO. MAS QUE FARIA O PADRE BARTOLOMEU DE GUSMÃO SE VIVESSE NA EXTRAORDINÁRIA ÉPOCA ACTUAL, EM QUE PODIA CONTAR COM O SERVIÇO DE AVIAÇÃO INTAVA?
INTAVA
MÁRIO COSTA
SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA 45, 1.º - TEL. 2 9311 - LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

NÚMERO 17 ★ OUTUBRO, 1943 ★ VOLUME 3.º

CAPA: CERAMICA DE JORGE BARRADAS — DESENHOS DE: MARIA KEIL DO AMARAL, CARLOS RIBEIRO, JORGE BARRADAS E MARIO ELOY — FOTOGRAFIAS DE: ALVAO, BELEZA, FERNANDO VICENTE, HORACIO NOVAES, J. BENOLIEL, J. LEBRE, MARIO NOVAES E MARQUES DA COSTA.

Condições de assinatura: Continente e Ilhas adjacentes, 6 números 30$00, 12 números 60$00 — Colónias Portuguesas, 6 números 35$00, 12 números 70$00 — Estrangeiro, 6 números 50$00, 12 números 100$00

Capa e Fotolitografias: Litografia de Portugal • Fotogravura Nacional, L.da — Rotogravuras: Neogravura, L.da — Gravuras: Bertrand, Irmãos L.da • Fotogravura Nacional, L.da — Composição e Impressão: Tipografia E. N. P.

PREÇO: 5$00

Reportagem Lírica de um Outono na Beira

por **MERÍCIA DE LEMOS**

DEIXEI de olhar Vale-Prazeres e fui um beijo no alto da Portela, que bebeu água na fonte da fome em Alpedrinha e rolou por entre os soutos da Gardunha, até aos olivais, aos pomares e às vinhas do Fundão.

No coração da Beira — retalhado pela enxada, manchado de todos os verdes, abraçado das serras, alegrado pelo Alcaide, Alcongosta, Valverde, as Donas, o Telhado, a Capinha, tôdas essas aldeias pobres mas tão ajeitadinhas — eu, que me sinto lindamente na praia, que tenho paixão pelo mar e adoro a serra, encantei-me do campo.

Ninguém diga que não gosta do campo! Se não gostam, é porque ainda não estiveram nesta região, pelo outono.

Já não falo no sossêgo e na solidão, que mesmo a mim me apetecem só às vezes. Mas ninguém julgue sem graça, no meio de um velho olival, uma oliveira pequenina tôda de verde e prata, com uma só azeitoninha preta!

E as videiras carregadas, em mimos de mãe, ao abraçar as uvas! E quando, em verde-azul por causa do sulfato, dir-se-iam vestidas de pedaços das roupagens que as sereias deixaram antes de irem banhar-se nas ondas...

E as cêpas que choram as suas parras em sangue, com saüdade dos cachos?!

Não, despidas não parecem mortas as videiras — ¡ pois se até das vides que lhes cortam, se faz um fogo vivo, e é o melhor para a braseira!

E os soutos enrubescidos do calor que pediram ao sol para se aquecerem de inverno? Quem se cansa de olhá-los?!

Pensem no que será um dêstes dias de Outono, em que pela manhã choveu ao de leve para que a terra melhor aromasse, em que de tarde sorriu no céu um arco-íris, e depois do sol pôsto, quando o ar é ainda azul, mas já de azul-cinzento, o horizonte é rosa e é lilás...

Como é lindo um rebanho que recolhe, repetindo uma balada que trouxe das estevas, do rosmaninho e do vento... Corre sempre nesse momento, a alegrar a minha lágrima, um sorriso. Também entendo o que os cães dizem. O Farrusco, o Leão ou o Valente vêm lamber-me as mãos. Olham-me meigamente, a recordarem-me os pedaços de pão que surripiei ao almôço e, sorrateira, molhei no açucareiro. Trago tudo na algibeira, juntamente com um ôsso de costeleta embrulhado num pedaço de jornal...

Um pastor, que era de trás de serra, disse-me, um dia, do meio do rebanho:

— Ó menina! Cá o Zé, assim, não parece um rei no meio do seu povo?

E eu pensei que sim. Pois bem sabia que êle, entre outras coisas, todos os dias ia para tão longe, porque o pasto com a seca ficara uma miséria; e era êle que levava às vezes ao colo os cabritos e os borreguinhos, para se não cansarem; e tratava daquela ovelha que se fizera arredia e levara num ôlho uma cornada — com sua licença — do bode, e ajudára a parir uma outra, numa manhã de molha. Era verdade, o Zé queria bem ao gado.

Mas não é só por isso que se gosta do campo.

Ainda lhes não disse ao que sabe um figo comido na figueira.

E o boas que são as batatas vermelhas, vermelhas por dentro, o que bem poucos sabem, pois só as há para os lados do Tortozendo e da Corujeira.

Experimentem levar uma maçaroca ao Dourado. (O Dourado, claro, é o macho que tem honrarias de cavalo). Couves às galinhas, as maçãs mais bonitas aos coelhos e as mais reles e um mogango grande para a porca que bem precisa, coitada, de ter bastante leite para os seis leitõezinhos côr-de-rosa.

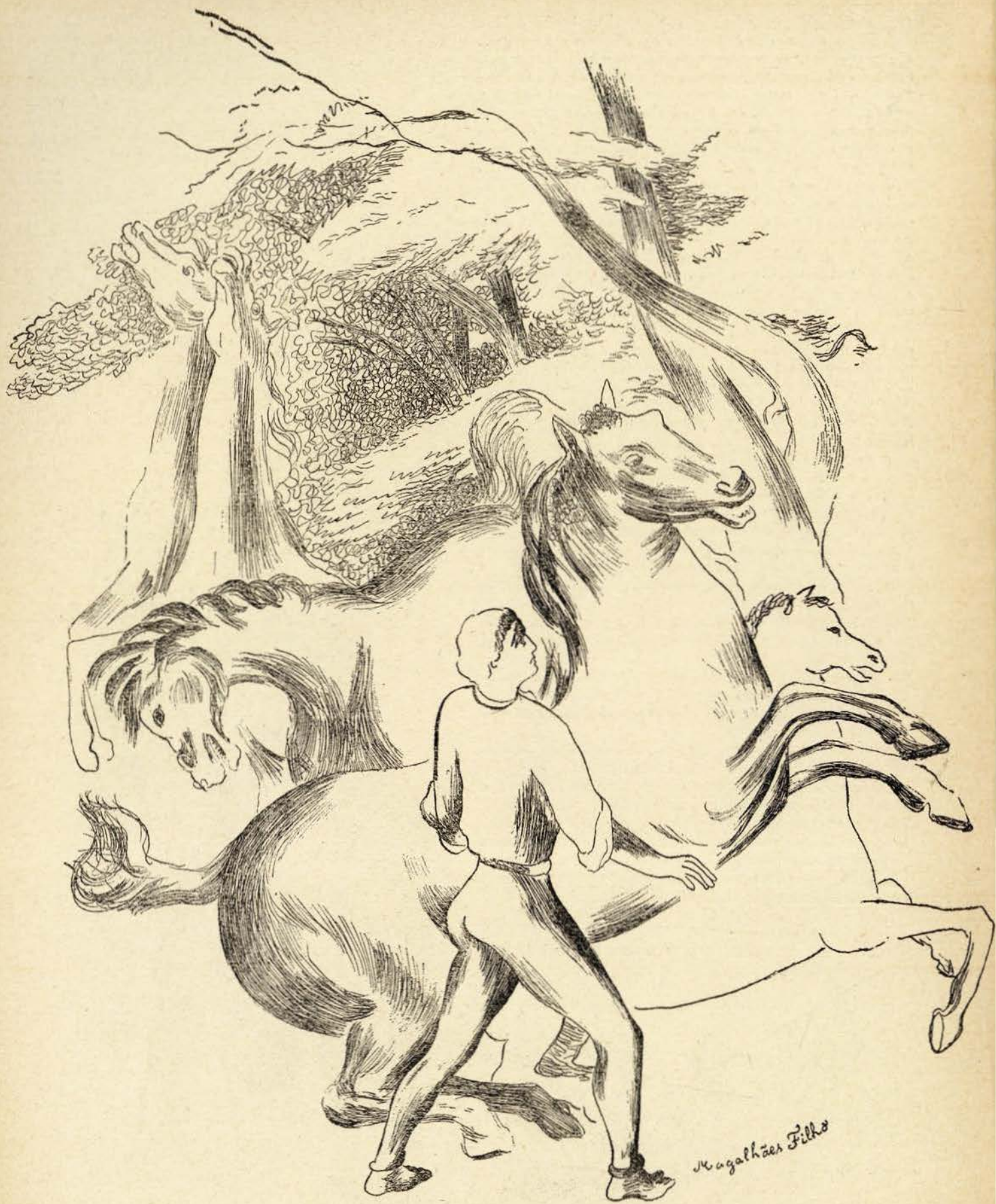
¿E sabem quanto nos podemos sentir gaze no meio de seara ainda verde, e o que há em nós de Sol quando a seara é loira?

Se estiverem aborrecidos, vão pelas quelhas, pelas canadas, pelos caminhos mais estreitos, e apanhem amoras das silvas ou as rosas singelas, a madre-silva, um raminho de hortelã brava...

Olhem para a serra que varia de tom, de instante a instante, verão que não precisam de mais nada!

Eu, por mim, sinto-me bem ao ar livre no campo e a escutar o Sol, em tôdas as épocas do ano.

E se foi primavera o beijo que fui, que os sem-coração tornaram pedra num verão ardente, e o Outono mingou em grão de areia, bendito tudo seja, pois o vento trouxe-me para o cimo da montanha, onde esperarei a neve branca: do Inverno, a minha maravilha!

DESENHOS DE MARIA KEIL DO AMARAL

PEGUREIRO COM CAVALOS EM MANADIO ★ DESENHO DE MAGALHÃES FILHO

SANATÓRIO DE SANTANA

por

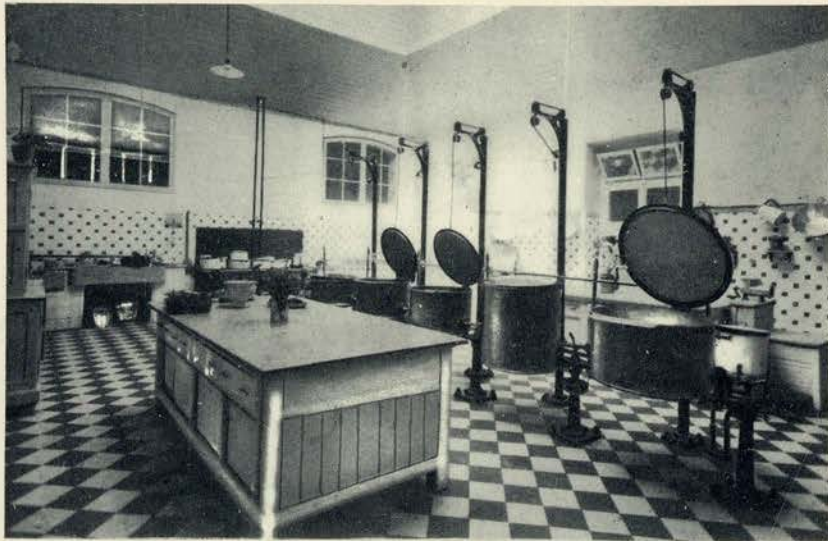
Carlos Eugénio da Silva Ramos

«*Tendo eu fundado com a maior devoção o meu Sanatório da Parede, concelho de Cascais, para tratamento de crianças linfáticas, de cancerosos e de cardíacos, resolvi escolher a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, como instituïção que pela sua respeitabilidade, antigüidade e garantias de duração mais própria me pareceu para receber êste legado. A ela, pois, lego o prédio ou conjunto de prédios sitos no dito lugar da Parede, concelho de Cascais, que actualmente ou à data da minha morte constituam o Sanatório e tôdas as suas dependências.*» (Do testamento de D. Claudina de Freitas Chamiço, falecida em 18 de Junho de 1913).

A história da fundação do Sanatório é simples e curiosa; o que nela há de admirável é a seqüência de sentimentos nobres, conjunto feliz de inteligência e caridade de amor cristão.

Em fins do século passado, Sousa Martins, doente já, regressa de uma viagem ao estrangeiro. Traz nos olhos os sanatórios de tuberculosos vistos pela Europa.

Uma idéia feliz, de comêço vaga e imprecisa, o anima servida admiràvelmente pela enorme simpatia pessoal, de que nos ficou o conhecimento, em lenda, dos grandes mestres da Real Escola de Medicina.

Uma tarde de sol. No sítio deserto da Parede, Sousa Martins fala com o Dr. Francisco Rompana, felizmente ainda vivo.

A vasta e higiénica cozinha do Sanatório, onde a confecção dos alimentos se faz utilizando o calor do vapor de água

Uma das amplas e arejadas enfermarias e um aspecto da bem apetrechada sala de tratamentos

Esboça novamente a grande idéia: — Sanatórios.

— «Ouça, Mestre: aqui, se eu pudesse, fazia um pequeno Sanatório, coisa para 12 camas».

Sousa Martins olha gravemente o seu discípulo — ligam-nos fortes laços de amizade, quási de família.

— «Rompana, você deve ler o livro *Escrófulas e banhos de mar*, vou-lho mandar».

E, larga e formosa, a idéia do Sanatório domina o sítio árido da Parede.

Alguns dias depois, Sousa Martins fala com entusiasmo.

Frederico Biester e D. Amélia Biester, ricos capitalistas, amigos e clientes de Sousa Martins, tomam posse da idéia. Resolvem construir, inteiramente à sua custa, um Sanatório para crianças fracas e enfezadas. E é Sousa Martins quem irá dar realidade a uma parcela do seu imenso sonho.

Já ao longo da costa, de Oeiras ao Guincho, Rompana, ágil e magro, percorre as rochas e as praias.

Experiências simples, ciência exacta do tempo. Estuda-se a colocação ideal para um Sanatório.

O Projecto inicial foi elaborado por António Gaspar, professor da Academia de Belas-Artes, que tempo depois abandonaria a obra.

Morre Sousa Martins e os esposos Biester convidam o Dr. Manuel Bento de Sousa para lhe suceder na direcção da obra; mas, infelizmente, meses depois, morre igualmente.

Frederico Biester e D. Amélia Biester, de novo sós, mais donos da sua idéia, sòzinhos, no seu desgôsto — a morte de uma filha com tuberculose óssea — nas longas noites de inverno já doentes, criam em pensamento o Sanatório.

A idéia move-se, o impulso inicial não a deixa parar. E é tal a sua fôrça, que sobrevive a todos os seus criadores.

Faleceram, com pouco intervalo, Frederico Biester e sua espôsa.

E eis que D. Claudina de Freitas Chamiço, herdeira de seus sobrinhos,

recebe, quente e viva nas suas fracas mãos, a idéia nobre.

Convida D. Claudina de Freitas Chamiço para dirigir a obra Gregório Fernandes, o grande cirurgião. Chama-se um novo arquitecto, Rosendo Carvalheira, que modifica o primeiro projecto, conservando as linhas gerais.

Ao lançamento da primeira pedra, em 1901 (7 de Agôsto), assistem D. Claudina de Freitas Chamiço, Gregório Fernandes com os seus 4 filhos, Mac-Bride Fernandes, Francisco Rompana, Dr. Almeida Ribeiro e representantes das entidades oficiais.

A primeira pedra, grande bloco de granito, tem escavada no centro uma urna, contendo uma placa de prata, onde estão gravadas as letras J. M. J. — Jesus-Maria-José — e corresponde ao altar-mor da capela.

O Sanatório foi inaugurado em 31 de Julho de 1904, sendo o seu regulamento feito pela fundadora. Começa a funcionar com 60 crianças linfáticas e portadoras de tuberculose óssea, vinte doentes com lesões cárdio-vasculares e vinte cancerosas.

Foi seu primeiro director o Dr. A. J. de Almeida Ribeiro, cirurgião dos Hospitais Civis.

Por morte de D. Claudina de Freitas Chamiço, (em 18 de Junho de 1913), o seu testamento passa a ser o segundo Regulamento — modêlo de lucidez de espírito, onde tudo é previsto com prudência e minúcia. Lega ao Sanatório 600 contos de réis, dizendo no § 1.º: — «O govêrno e a direcção dêste meu legado será desempenhado por uma comissão de sete membros: do Reverendíssimo Patriarca de Lisboa, do Provedor da Misericórdia, do marido da minha herdeira do remanescente, de um membro nomeado pela Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa e de mais 3 membros escolhidos pelo primeiro membro».

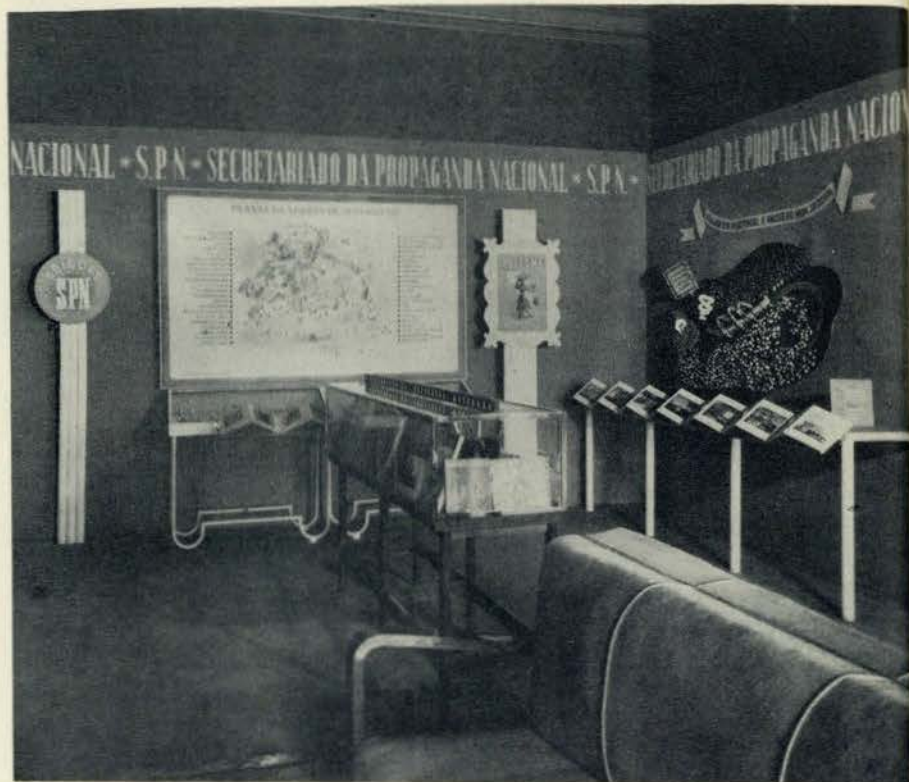
(Continua na pág. I)

A grande capela do Sanatório de Santana. – Aspecto de uma das galerias de cura pelo sol, vendo-se ao longe um trecho de Parede

FOTOS DE MÁRIO NOVAES

1.ª EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE TURISMO

O título completo é êste: — *1.ª Exposição Bibliográfica de Turismo e Propaganda de Portugal.* PANORAMA regista, como prometeu no número anterior, alguns aspectos da interessante e utilíssima iniciativa do *Ateneu Comercial de Lisboa,* que atraíu às salas da popular instituïção, no passado mês de Julho, milhares de visitantes.

Vários organismos do Estado e entidades particulares contribuíram para o êxito do certame, que foi, desde início, patrocinado pelo jornal «O Século», e cuja finalidade ficou expressa no artigo de abertura do catálogo, onde Everard Martins disse o seguinte: — «Começámos delineando

O «stand» do S. P. N. e um pormenor da decoração, a cargo do Estúdio Técnico de Publicidade (E. T. P.)

êste ensaio para a exibição de publicações turísticas, no intuito de, sôbre êle, chamar a atenção do público, com o duplo objectivo de se apreciar o que já está feito e de preparar o desenvolvimento de tão interessante meio de tornar conhecidos os valores reais e as belezas das nossas terras, seja do Continente, ou das Ilhas e Províncias Ultramarinas. Mas tal não nos pareceu bastante, pois, no conhecimento do muito e bom que se tem editado nos últimos tempos, em propaganda dos produtos portugueses de exportação, entendemos dever unir, nesta Exposição e em um só tronco da frutuosa árvore da publicidade, os dois ramos bibliográficos de tão

grande importância para o futuro do nosso país.» Os expositores, em número de 58, (entre os quais figuraram: o Secretariado da Propaganda Nacional, a Agência Geral das Colónias, a Administração Geral dos C. T. T., a Câmara Municipal de Lisboa, Comissões Municipais e Juntas de Turismo, e diversos organismos corporativos e de organização económica), apresentaram, nas seis salas do Ateneu, brilhantemente decoradas, os mais variados espécimes de propaganda: — monografias, cartazes, folhetos, roteiros, mapas, gráficos estatísticos, fotografias, postais ilustrados, etc.

Valorizou, documentalmente, o certame a secção da

Três aspectos da 1.ª Exposição Bibliográfica de Turismo e Propaganda de Portugal

FOTOS DE MARIO NOVAES

Sociedade Propaganda de Portugal, que apresentou, em seis vitrinas, diversos exemplares, alguns raríssimos, das mais antigas publicações portuguesas consagradas à divulgação das belezas e produtos naturais do País.

No «stand» do S. P. N., instalado na primeira sala do Ateneu — com uma colecção do PANORAMA em lugar de honra — foram artìsticamente expostos os numerosos trabalhos que o referido organismo tem editado: álbuns, monografias, mapas, estampas, folhetos de vulgarização, cartazes e objectos decorativos de inspiração popular.

Na mesma sala, a Agência Geral das Colónias exibiu, entre vários documentos que atestam a importância da sua actividade propagandista, elucidativas e curiosas foto-montagens.

ÓBIDOS é uma das nossas povoações históricas de mais forte poder evocativo. Não só pelo seu castelo, que o poeta Camilo Pessanha cantou, como pelas suas vetustas muralhas, vielas e casinhas Não há um recanto, um pormenor plástico em Óbidos perante o qual o turista não inveje o talento dos grandes pintores e dos bons fotógrafos, para fixar — como fêz Mário Novaes — a sua incomparável fotogenia.

FOTOS DE MARIO NOVAES

EMISSOR REGIONAL DO NORTE

SÃO do Ministro das Obras Públicas e Comunicações, Sr. Eng.º Duarte Pacheco, as elucidativas palavras que transcrevemos, escritas expressamente para a Emissora Nacional, no passado mês de Julho:

—«A inauguração dos Estúdios do Emissor Regional do Norte corresponde, simultâneamente, a uma justa aspiração das populações nortenhas e a um vivo desejo do Govêrno. Todos nos encontramos agora irmanados na satisfação que proporciona a realização do objectivo comum. A obra inaugurada — embrião da Casa da Rádio do Pôrto — permite assegurar melhores condições de recepção no Norte do País. Marca, portanto, mais um passo em frente no cumprimento do plano de radiodifusão nacional, que visa a que a E. N. seja, na verdade, a voz de todos os portugueses: a voz de Portugal no Mundo».

Aspectos do estúdio principal, da central-técnica e da sala de espera do Emissor Regional do Norte.

Vindimas

por ANTÓNIO BATALHA REIS

«Era no sêco tempo que nas eiras
Ceres o fruto deixa aos lavradores;
Entra em Astreia o Sul, no mês de Agôsto;
Baco das uvas tira o doce mosto.»

(Da estância 27 do canto IV dos «Lusiadas»)

APESAR de ser um país agrícola, embora tenha sido sempre um país de vida assente na economia agrária, Portugal não tem, como outros, a festa tradicional das colheitas, em que Ceres e Pomona, de braço dado, são glorificadas. Em Agôsto, quando termina o ano agrícola, celebram-se festas à Padroeira, que nada têm de pagão. Todavia, há uma cultura cuja colheita constitui sempre uma festa: é a da vinha.

Com ou sem arraial de festões e arcos alegóricos, com ou sem charangas e solidós, as vindimas são sempre uma festa na casa de lavoura. Nenhum produto da terra se recolhe com maior ansiedade e alegria do que a uva. O próprio Alentejo trigueiro, portador de uma mística latifundiária, orgulha-se por exibir suculentos cachos. Assim, quando Bulhão Pato escreveu:

ALGUMAS CENAS CARACTERÍSTICAS DA FAINA DA VINDIMA EM DIVERSAS REGIÕES DO PAÍS.

«No chão rojam da cêpa os cachos rescendentes...», na sua poesia «Setembro», onde palpita tôda a ternura portuguesa pelos encantos campesinos, não versejou inspirado apenas nas encostas vinhateiras da sua Caparica, mas em tôda ou qualquer nesga do rincão pátrio.

É que, a cultura da vinha na Península data, pelo menos, do tempo da conquista pelos romanos. Terminada a segunda guerra púnica, as hostes que vieram da Gália trouxeram consigo as cêpas que plantaram aqui, sendo nas margens do Tejo que primeiro verdeceram os vinhedos e daí se expandiram pela Estremadura, pelo Entre-Douro-e-Minho. O célebre agrónomo romano, Varrão, fêz referências particulares às instalações vinárias da Península e às excelsas qualidades dos seus vinhos, e, o sarcófago de Reguengos, estudado pelo mestre etnógrafo Leite de Vasconcelos, orna-se com uma cena de pisa de uva, atestando a vulgaridade da cultura nos tempos recuados dos primeiros séculos A.-Cristo.

A tradição não se perdeu, nem as populações autóctones quebraram a continuïdade do costume da cultura da vinha no nosso solo, pois, nos pri-

mórdios da nossa nacionalidade, mesmo antes do período, na primeira dinastia, da organização administrativa do reino, já se encontram disposições tendentes à sua protecção.

São disto testemunhos, os «Costumes e Foros de Alfaiates» (1188 a 1230) onde se estabelecem severas disposições em defesa da vinha.

«*Quem fizer dano em vinha, por cada videira que fôr danificada pague cinco soldos, e daí para cima até dez morabitinos seja a coima de estrago de vinha.*» D. Sancho I, alargando os seus domínios, queria-os prósperos e rendosos, e, como considerava o alto valor da vinha, naquele citado exemplo de direito medieval consuetudinário, instituía esta rigorosa penalidade: «*Todo o homem que cortar vinha alheia cientemente ou a queimar, ou almoinha ou casa seja julgado como por morte de homem.*» Assim, o gôsto pela cultura da vinha, implantado e cá deixado por estrangeiros, foi adoptado e assimilado pelas nossas populações que, desde sempre, lhe dedicaram tôda a atenção. ¿Porque na simbologia cristã a cêpa é a planta da vida? ¿Porque, é a cultura que mais pede a permanência e o contacto do homem com a Terra?

Na verdade, a cultura da vinha, porque é a mais colonizadora, aquela que mais requere constantes cuidados

AO ALTO: A PROFUNDA IMPLANTAÇÃO DO BACELO NA REGIÃO DE COLARES. — À DIREITA: O FESTIVO E PITORESCO FINDAR DA VINDIMA, NO DOURO.

FOTOS DE J. BENOLIEL, BELEZA E J. LEBRE

trão à vinha, à sua «fazenda», na inspecção atenta do estado de maturação da uva, até que, numa bela manhã, depois de aprazadas as «navalhas» e contratados os carros, tôda a família sai de casa para a vindima. O menino, o morgadinho, corta o primeiro cacho; notas alegres sobem no ar puro da manhã fresca; o bando espalha-se por entre as cêpas no afã de quem mais corta; a patroa escolhe os melhores cachos para «penduras», que serão comidos no inverno — a vindima começou.

E esta cena, mais ou menos espectaculosa mas na essência sempre a mesma, tem lugar em todo o país, de Norte a Sul, logo que chega a hora de sacrificar a Baco.

(Continua na pág. III)

VÁRIOS TIPOS DE CESTOS. E... DIZ O NOSSO POVO: «ATÉ O LAVAR DOS CESTOS É VINDIMA».

e que maiores perigos ameaçam, constitui o melhor laço de ligação do homem à terra. Na vinha, a luta assume aspectos de epopeia pelo esfôrço heróico que exige: veja-se o «rompimento», no Douro; a «esmanteia» na Estremadura; a «manta» nas areias de Colares. Observe-se a operação laboriosa das «curas», em que a água é levada pelas encostas acima. Analise-se o trabalho penoso das vindimas — e compreender-se-á a paixão abracadabrante do homem pela vinha. Para os portugueses, a cêpa deveria ser um símbolo.

A calma que reina no casal depois de recolhido o grão, é aproveitada nos seus vagares para preparar o templo do vinho: a adega. Ali entra a vassoura, a escôva, a brocha da cal. O tanoeiro foi chamado para reparar aduelas, apertar arcos, e as vasilhas são lavadas e «mechadas», e os pavimentos e tetos varridos, e as paredes caiadas. Como para uma boda, o vasilhame e a adega preparam-se para receber o grande senhor.

Depois, galdido o cabo de Agôsto, começam as visitas amorosas do pa-

A CASA DO ESCULTOR HEIN SEMKE

por

Carlos Queiroz

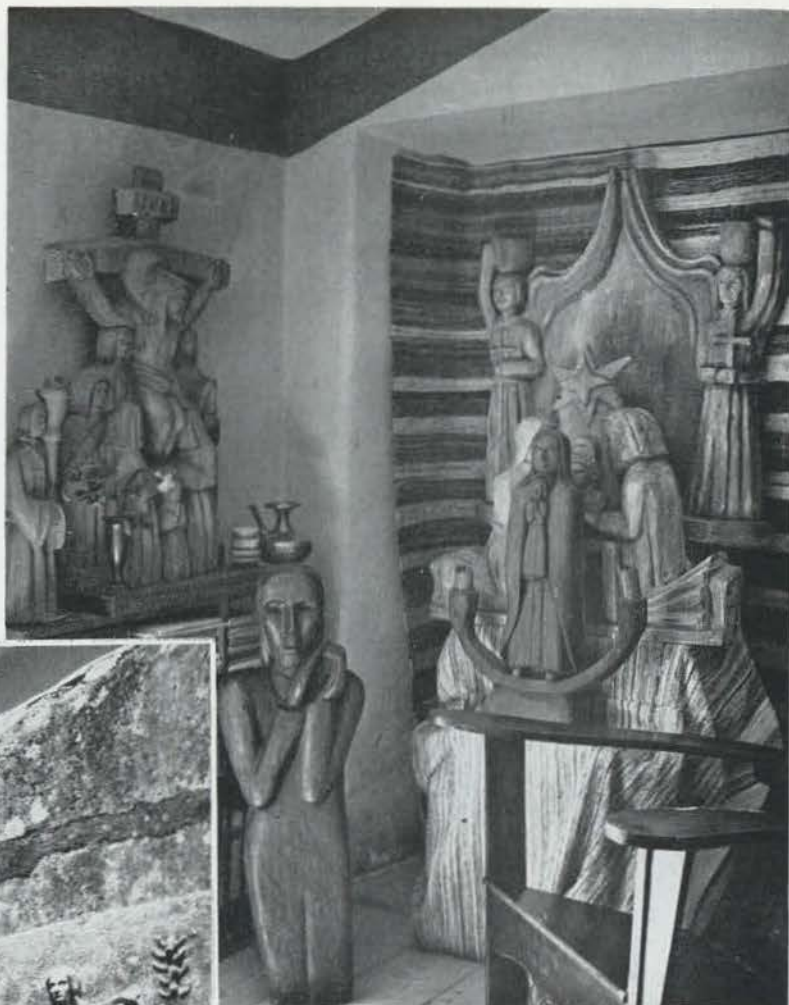
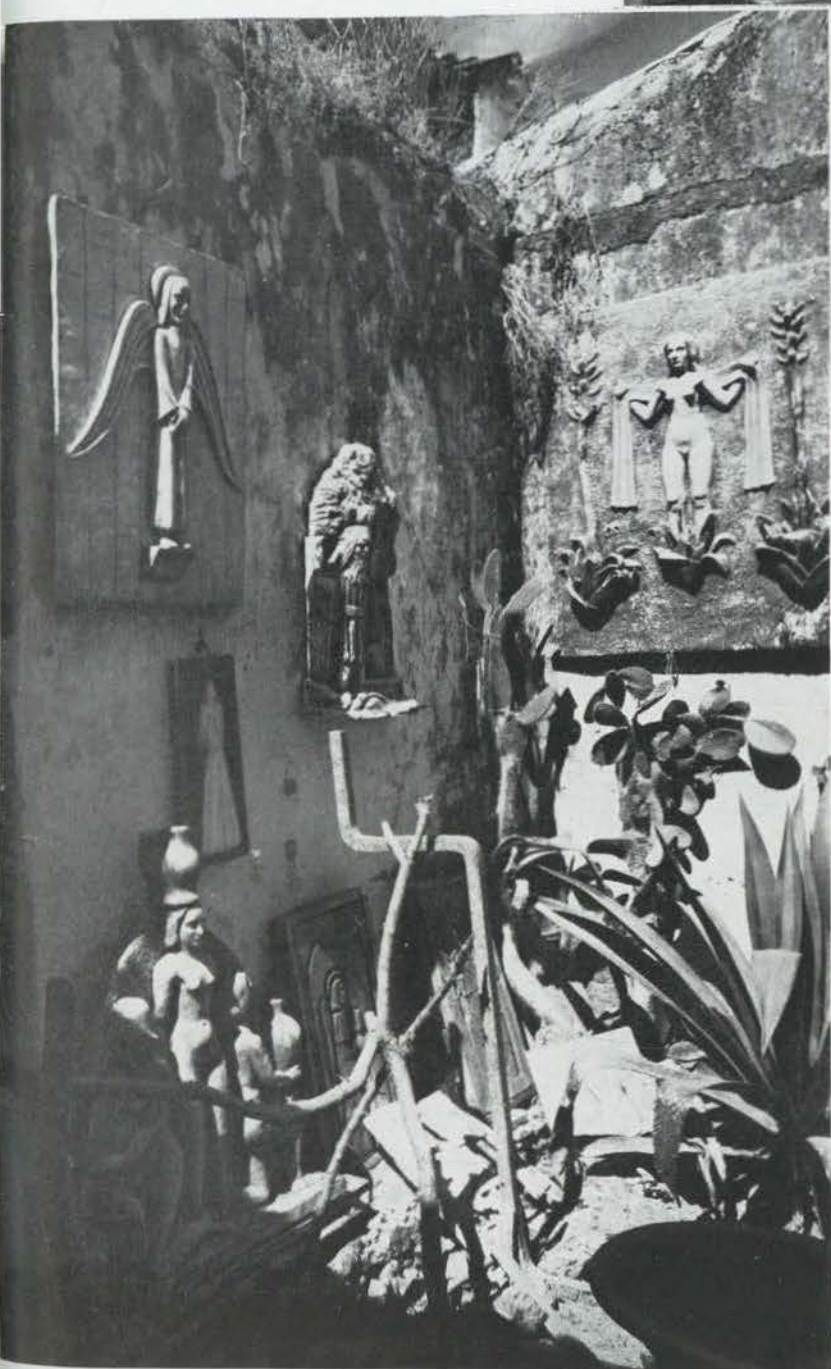



FOTO DE HORACIO NOVAES

O prodígio é em Linda-a-Pastora.

Atravessa-se o túnel que a construção da Auto-Estrada rasgou à entrada do povoado, sobe-se uma pequena rampa pedregosa, volta-se à direita, e é mesmo aí. Não é preciso bater à porta da casa, onde barafustam alguns cães inofensivos. Basta empurrá-la e entrar, como fazem os pobres, porque na mão estendida do Cristo de pedra (trabalho comovente, escavado com suor e sangue), que o artista colocou no átrio, há sempre algumas pequenas moedas que êles podem levar, sem terem de agradecer.

Mas falei de *casa* e de *átrio*... Esclareçamos. O que se entende por casa, tem mais o aspecto exterior de um pardeeiro, que um edifício habitável; o que se entende por átrio, é antes um minúsculo pátio descoberto, onde nem as galinhas se agitam à vontade.

O leitor, a respeito de casas de habitação, já deve ter o seu gôsto formado há muito tempo. O seu gôsto ou os seus gostos, que todos podemos ter vários, sem que nos

FOTO DE MARIO NOVAES

prendam ou nos batam. Seja como fôr, quer para a banda do antigo, quer do moderno, há certos elementos ideais, tradicionais e rígidos, que não se dispensam: espaço suficiente, confôrto, arrumação racional, harmonia de linhas e de tons, asseio.

Já ponho de parte a hipótese de lhe agradarem êsses interiores decorados em série que por aí abundam e onde se sente a impressão de estarmos por engano em casa de Tôda a Gente. Prefiro, pois, imaginar que o leitor concebe, como elemento fundamental da habitação, a personalidade que o proprietário imprime ao arranjo dos interiores, tanto na escolha dos móveis e objectos, como no dispositivo e estilo ornamental. Mesmo assim, se alguma vez o acaso o levasse a transpor a entrada da casa de Semke (pronuncia-se: *Sêmeque)* e em vinte acanhados passos percorresse os cinco exíguos compartimentos em que se divide, ficaria estarrecido.

O efeito, com algum exagêro, é explosivo. As proporções da casa são ínfimas; contudo, movem-se nela, sem dificuldade sensível, o hospitaleiro casal que a habita e sete visitas... Tudo parece desarrumado, e todos os móveis e objectos estão certíssimos nos seus lugares... Dir-se-ia, à primeira vista, que não há onde sentar-nos, e o confôrto do ambiente convida-nos a uma demora de longas horas... Há cães, galos e galinhas por tôda a parte, teias de aranha sôbre as esculturas, e a impressão de asseio, pouco depois confirmada, é quási imediata. — Milagre! — dirão alguns leitores, com ironia sibilina. Pois digam milagre a sério, que acertam em cheio no alvo! É dêsses pequenos enormes- milagres que faz a Arte, essa coisa espantosa que transcende o Normal, que salta por cima do Bonito e que voa, sorrindo, sôbre os nossos comedidos gostos pessoais.

Agora, já podemos dizer:—«Mas eu não queria, ou não era capaz de viver numa casa assim!» Ou até, com maior franqueza:—«Mas eu não percebo que haja quem viva numa casa assim!» Paciência. O casal Semke

FOTOS DE MÁRIO NOVAES

vive lá, há anos, todo o ano, e não a trocaria por nenhuma das nossas. Os gostos discutem-se, mas não vale a pena. Entretenha-se cada qual com o seu.

Agora vamos saber alguma coisa desconcertante da biografia do artista. É alemão do Norte, hamburguês. O pai descende de uma antiga família de lavradores e navegadores. Oito filhos, gente pobre; a mãe costurava dia e noite, para aju-

dar o sustento da família, que em breve o destino dispersou, após a sua morte.

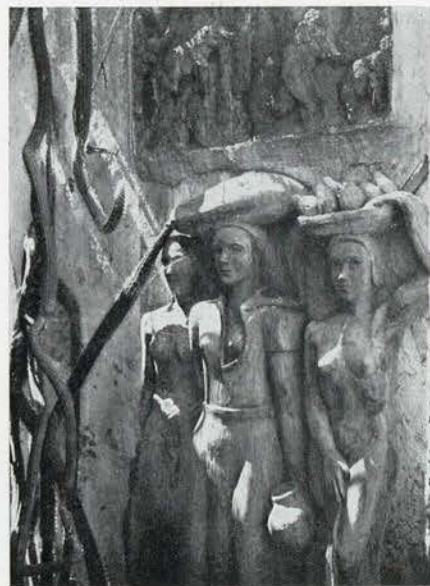
As andanças de Semke levavam horas a contar-se. Primeiro, o Orfanato, o trabalho violento no campo e um modesto emprêgo comercial; a guerra de 14-18 feita como soldado; depois, operário em estaleiros de navios e vendedor de jornais, em Hamburgo; mineiro, pedreiro, serralheiro e fundidor no Ruhr. Nos intervalos, quando podia, freqüentava, como ouvinte, os cursos universitários, conferências, museus. Percorreu a Alemanha a pé, durante meses e meses. «Conheci muitos fadários — contou êle — uns sem salvação, outros como o meu: de lutadores sem sossêgo».

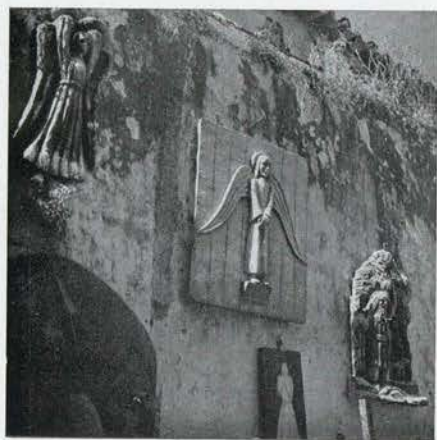
Até que um dia veio parar a Portugal. Foi operário numa fábrica de Chelas; voltou à sua terra, onde freqüentou academias de Belas-Artes, e regressou a Lisboa, mais tarde, desanimado e doentíssimo: «Linda-a-Pastora tornou-se a minha segunda terra natal — diz êle também. Aqui me curei, moral e corporalmente».

Da sua rija têmpera, do seu entranhado misticismo cristão, da sua generosidade já proverbial e dos seus dons de artista, falam melhor do que frases as esculturas que nestas páginas se publicam — embora lhes falte, para ser mais directa e perturbante a impressão que provocam, a estranha realidade da sua total integração no ambiente, com cheiro de terra molhada, cães amestrados, peludos cactos tentaculares e cânticos de galos empoleirados nas imagens.

Coisa rara, sem dúvida única, esta casinha do Semke. Fica-se a pensar, à volta, nesses tempos deliciosamente absurdos em que um milionário norte-americano podia muito bem tentar o artista com uma soma fabulosa, para que êle consentisse na transplantação em bloco do minúsculo prédio — futuro chamariz, além-Atlântico, de multidões de basbaques.

FOTOS DE MARIO NOVAES E HORACIO NOVAES

FOTOS DE HORACIO NOVAES

Composição escultórica de Hein Semke. Na gravura de baixo, sôbre o relêvo «N.ª S.ª da Paz Justa», um retrato a óleo do artista, pintado por Júlio Santos.

A casinha de Semke, repleta de obras de arte, belas peças de cerâmica, faiança e ferro forjado, livros e albuns magníficos, prova que a rusticidade do ambiente não é incompatível com a cultura ★ Nestas páginas reproduzem-se vários aspectos do átrio, da cozinha, da sala-escritório e do pátio interior, que também funciona de «atelier» — embora chova como na rua — e de . . . capoeira.

FOTOS DE MARIO NOVAES

Rua de Santa Maria, uma das mais pitorescas da vetusta cidade. — O Castelo de Guimarães

GUIMARÃES *por Matos Sequeira*

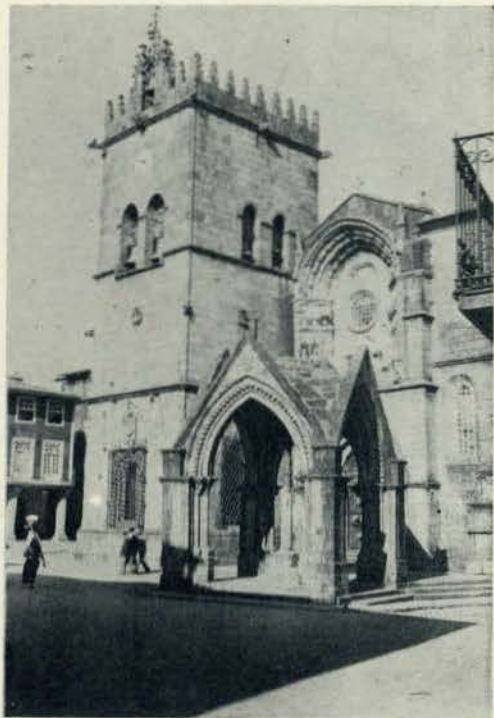
QUANDO evoco Guimarães, lembro sempre a velha cidade tal qual a conheci, há quási meio século, quando, apeado da «Andorinha» ou da «Voadora», desconjuntadas e gemedoras diligências que faziam as carreiras de Braga para lá, se me deparava o Toural e as ruazinhas escuras e elegíacas, que desaguavam gotas de gente na soturna praça do burgo de Mumadona. Sempre que lá tenho voltado é êste o panorama que se me desenrola diante dos olhos. Com o rodar dos anos a venerável cidade, berço do reino portugalense, guiada pelo bom senso e pela inteligência de alguns bons portugueses, modernizou-se sem se abastardar, legitimando-se com alfaias de urbanização racional, e recompondo, o melhor que pôde e soube, as suas feições características. Todo o adôrno pelintra e mesquinho que lhe perturbava o «facies», a maioria dos brasileirismos de construção, escondeu-se, disfarçou-se ou desapareceu. Depois

com a chegada do ano áureo de 1940, a Obra Pública, acordada finalmente, chegou até lá. Reintegrou-se o admirável castelo — primeira relíquia da Nação; purificou-se a igrejinha de S. Miguel, onde, segundo a lenda, se fêz cristão o primeiro Afonso; tentou-se e cometeu-se a emprêsa de pôr na velha figura o nobre paço dos Duques — exemplar raro da arquitectura senhorial portuguesa — e tudo isto veio colocar-se de acôrdo com a espiritualização evocadora da rua de Santa Maria — amostra viva do Passado — onde o viandante passa esquecido do ruído da civilização e mergulhado no encanto do espectáculo, que não precisa do dinamismo da hora presente para comover e impressionar. Quantas vezes parei diante da austera Colegiada a viver interiormente, no relâmpago de um segundo, o sonho medievo da viúva do Conde Hermenegildo Nunes, erguido na sua quinta de Vimaranes, e a supor que contemplava o seu «conventum» românico-bizantino, que o tempo haveria de pulverizar em recordações! Quantas

O evocativo e aprazível Local da Penha

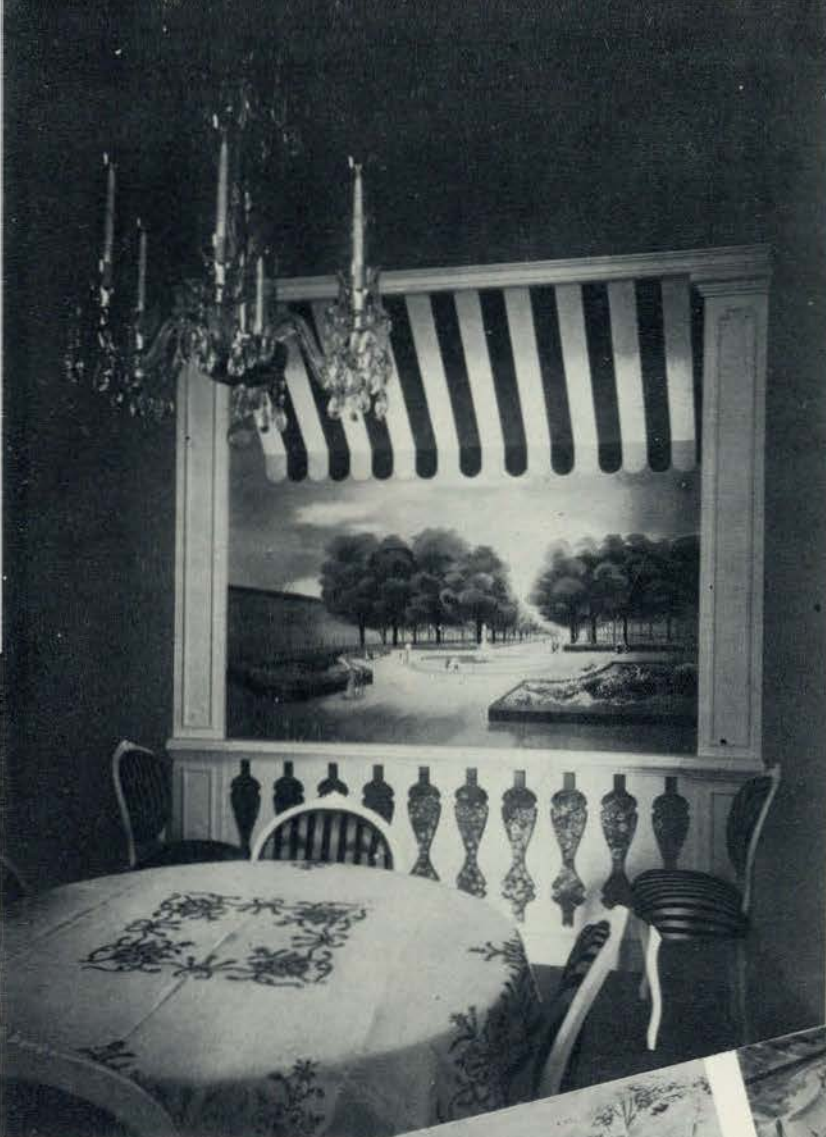
vezes tentei adivinhar a nascença do burgo e do Castelo, êste protegendo-o e aquêle aninhando-se ao redor do edifício religioso que a fundadora prendera à regra de S. Pacómio! Com o seu foral henriquino, a nova vila, povoada de cavaleiros borgonheses e do gentio dos mesteres, devia de estremecer de orgulho presciente após o prélio de S. Mamede, e a sua pedraria, rude e escura, de doirar-se amorosamente para servir de berço à nacionalidade, enquanto os peregrinos a cruzavam para reverenciar Santa Maria no santuário prodigioso da Condessa Mumadona.

Santa Maria de Oliveira, com o seu lindo cláustro românico do décimo terceiro século, a sua notável portada capitular, a indisciplina decorativa dos capitéis, de uma originalidade empolgante, a sua preciosa documentação de iconografia tumular, e outras minúcias de adôrno que escaparam à fúria transformadora de várias obras, é um dos mais evocadores monumentos portugueses. O famoso Cruzeiro quinhentista da Senhora da Guia,

Cruzeiro da Senhora da Guia, junto à Igreja de N.ª Senhora da Oliveira. — Cláustro românico (séc. XIII) da Colegiada de N.ª Senhora da Oliveira

Tôrre do templo da Colegiada e padrão de D. João I. – Igreja dos Santos Passos. – Outro ângulo da Rua de Santa Maria

FOTOS DE FERNANDO VICENTE

atalaia o templo da Oliveira. Já não vemos a velha muralha dionisiana que corria para o Norte, mas em cada ponto da cidade salteia-nos uma recordação de guardar. Os séculos XIV e XV, a despeito de sucessivas legiões de piedosos iconoclastas, espreitam-nos ainda na Colegiada, em S. Francisco e em S. Domingos; o quinhentismo mostra-se na fonte de taças do largo de Martins Sarmento, nas arcarias dos paços do Concelho, onde a centúria seguinte também deixou a sua marca, em S. Dâmaso, na Misericórdia e no Mosteiro da Costa; do seiscentismo e do século de D. João V, abundam notas impressionantes na arquitectura religiosa e civil. No aro verdejante que envolve a póvoa enraïzam-se velhos solares armorejados, e próximo, ao alto, a Penha — belvedere admirável — e o templo de S. Torcato, que ascende num delírio de impressionar, são dois lugares de romagem ao mesmo tempo de meditação profana e de devoção religiosa. Como eu os conheci, e como êles estão agora!

Da última vez que Guimarães me teve, andei pela mão de Alfredo Guimarães — o grande amigo da cidade e do seu Museu-relicário, que é outro local de romagem. Pareceu-me outro o burgo de Mumadona. Mais gente, mais movimento, mais vida. Outro alinho e outra compostura; mas, apesar de tudo, tive saüdades da Guimarães que eu conheci, quando a «Voadora» ou a «Andorinha» me arrastavam até lá, com aquela paràgem idílica nas Caldas das Taipas. Tenho saüdades, tenho. Não são, porém, do vetusto «conventum» da viúva do Conde Hermenegildo, são as dos quinze anos que eu tinha em 1896.

Painel decorativo de Carlos Ribeiro. Dois desenhos de Paulo Ferreira, e três bonecos de trapo de Júlio de Sousa: Eça, a «Maria Eduarda» e o «Dâmaso».

Novas instalações do Círculo EÇA DE QUEIROZ

Começaram os sócios a sentir que o espaço já era restricto e que se impunha a realização dos melhoramentos que o presidente da direcção do Círculo prometera no seu discurso inaugural. Foi por isso que António Ferro determinou, logo que se verificaram as necessárias possibilidades económicas, que o plano da remodelação — a cargo do arquitecto Jorge Segurado — fôsse pôsto em prática ★ As obras concluiram-se, há poucos meses, e são notáveis: — Um amplo terraço, para festas e refeições ao ar livre; um pátio ajardinado, com lago de repuxo; uma salinha íntima, de jôgo, com dois belos desenhos de Paulo Ferreira nas paredes principais; um espaçoso «bar», com fogão, um gracioso quadro de Estrêla Faria e uma «vitrine» com engraçados bonecos de trapo, de Júlio de Sousa, caricaturando o Eça e as mais célebres personagens dos seus romances; uma pequena sala de jantar, anexa à sala grande, com um decorativo «trompe l'oeil» de Carlos Ribeiro ★ Fausto de Albuquerque, coadjuvado por Maria da Graça Homem Cristo, pôs mais uma vez à prova o seu requintado gôsto, tanto na escolha do mobiliário, como nos arranjos ornamentais dos interiores.

Um ângulo do novo «Bar». – Composição decorativa de Estrêla Faria, interpretando uma cêna do romance «Os Maias» – Pormenor do jardim.

FOTOS DE HORACIO NOVAES

A ARTE MODERNA NAS INDÚSTRIAS DECORATIVAS

Faianças de Jorge Barradas

JORGE Barradas é um artista repleto de condições e fantasias para realizar qualquer género de arte decorativa moderna. Há vinte anos que em todos os campos do bom gôsto, consoante os caprichos do seu ideal e as graças do seu temperamento, cria e produz incessantemente uma obra distinta de pintor, decorador, ilustrador e escultor. O público português e, particularmente, os amadores lisboetas, desde o tempo em que êle colaborava em exposições e jornais humorísticos com os seus desenhos, mais espirituosos e elegantes no traço e nos temas, que pròpriamente na *verve* usada na especialidade, conhece o seu nome e admira as suas múltiplas aptidões estéticas. Barradas fêz parte do primeiro núcleo de desenhadores que em Portugal revolucionou o gôsto na arte e demonstrou, com talento e pessoal delicadeza, a evolução civilizadora em todos os caminhos das indústrias decorativas, progredindo êle próprio e a par, na arte da pintura, e ùltimamente na da escultura. Destas apresenta provas de respeitável merecimento, nas salas dos museus e em monumentos públicos, como a Fonte, a inaugurar em breve, na Alameda de Afonso Henriques.

O artista que hoje se revela nas páginas de «Panorama», com uma nova modalidade das suas muitas e sempre espirituosas aptidões, é o decorador, o hábil e estudioso artista que depois de conceber as variadas obras, penetra na técnica especial de cada uma, modernizando processos profissionais e obtendo resultados inesperados, sempre do agrado do público e aplaudidos pelos entendedores nesses problemas. As suas capacidades são quási inesgotáveis. Da ilustração no livro e do cartaz de propaganda, aos álbuns de litografias e às aguarelas para ornamentações de interiores; dos vidros de uso prático, aos de grande revestimento de superfícies, pintados ou fixados pelo fogo, e aos vitrais de rigorosos cortes e colorações que a luz reclama; das pinturas em porcelana, aos relevos em majólica e às estatuetas em faiança; ora representando tipos e costumes regionais do país, ora motivos de grácil combinação de tradicionais actos, com a inovação do estilo próprio e adequado; ora pitorescos, ora heráldicos, ora religiosos, ora simplesmente plásticos, tôda essa obra de incontestável cunho estético, que a sua individualidade aristocratiza, possui as virtudes requeridas de um complexo decorador. Quer desenhe um móvel, guarneça de pinturas uma parede ou uma placa ensamblada; quer modele um animal, um peixe, uma ave ou qualquer outro assunto decorativo para um jardim, um tanque, ou como mero bibelot de prazer urbano, êle surpreende pela finura com que tudo cria, pela perfeição com que tudo executa. Uma obra sua, por mínima que seja nas dimensões e por mais sumária que pareça na apresentação, é inconfundível. Amadores e leigos, ao vê-la, antes de qualquer outro comentário, exclamam logo, naturalmente: — Olha uma coisa nova do Barradas!

Na verdade, Jorge Barradas apresenta-se sempre com uma criação nova e sempre com a sua velha personalidade. ¿Querem melhor elogio a um artista, do que êste? Não há. Além dêste, só há a classificação perigosa de génio. Mas tais leviandades, ainda que usadas ridìculamente nas reticências dos ignorantes

cumentos daquelas virtudes — e também virtuosismos — que reconhecemos em Jorge Barradas, o decorador português que até hoje, depois de um quarto de século de permanente labor, ainda não foi descoberto para uma emprêsa de vulto, apesar de ser conhecido em todo o país, que nêle tem um dos mais saüdáveis e comovidos intérpretes dos originais encantos do povo português. Barradas observa, sente, sorri e compõe com gracilidade, espontaneidade e imaginação, quanto na vida se lhe depara para ser transfigurado em arte e adoptado em concordes processos técnicos, seja em que matéria fôr, desde o metal mais rico à argila mais humilde, o cimento mais duro ao cristal mais frágil, que êle igualiza em valor artístico e substância, numa gostosa perdulariedade de expressões, convencido de que tudo quanto vive deve ser traduzido em arte e auxiliar esta nas suas variantes de estilizamentos e combinações oficinais.

DIOGO DE MACEDO

FOTOS DE MARIO NOVAES

ou dos tolos, são sempre contraproducentes no louvor, pela responsabilidade e pelas invejas ou mêdos que agitam na ordem das proporções.

Barradas é tão sòmente um artista de bom gôsto, um técnico de proveitosa paciência nos efeitos que estuda, um constante rebuscador de novidades em estilos e materiais agradáveis, um temperamento dinâmico, tão trabalhador quão recolhido, que se compraz em servir a arte com felicidade e satisfazer o seu espírito de irrequieta ansiedade. As bonequinhas, ingénuas e graciosas, que as belas fotografias de Mário Novaes aqui nos apresentam, as figurinhas típicas e estilizadas do nosso panorama folclórico, a composição cristã, de maneiras modernas, mas tocada de ternura muito antiga, executadas em faiança policromada, vidrada e com sabor procurado de brinquedo, *gaucherie* popular ou estampa de missal, são do-

DESENHO DE JORGE BARRADAS

A POUSADA DE SÃO-MARTINHO-DO-PÔRTO

De linhas simples, o edifício da Pousada integra-se na suavidade da paisagem

DESDE Agôsto que o turismo nacional passou a contar com mais uma Pousada. Coube agora a vez a São-Martinho-do-Pôrto, que é, sem dúvida, um dos mais aprazíveis centros de atracção turística do País.

A dois passos de Alfeizerão, no caminho para Alcobaça, lá ficou a pequena mas graciosa construção, na encosta da serra, à beira da estrada, com as suas janelas e terraços abertos para uma paisagem magnífica e familiar: — pinheiros e mais pinheiros, campos de viçosa cultura, vastas extensões de areal e, ao fundo, o mar imenso e amigo...

O local não podia ser melhor escolhido. O panorama é de sonho. Mas, de que serviria a beleza do panorama, se a casa e os seus interiores não estivessem à altura dêle? Não é o caso da Pousada de São-Martinho, a qual, pelo contrário, se integra no ambiente, colabora com a paisagem, valorizando-a.

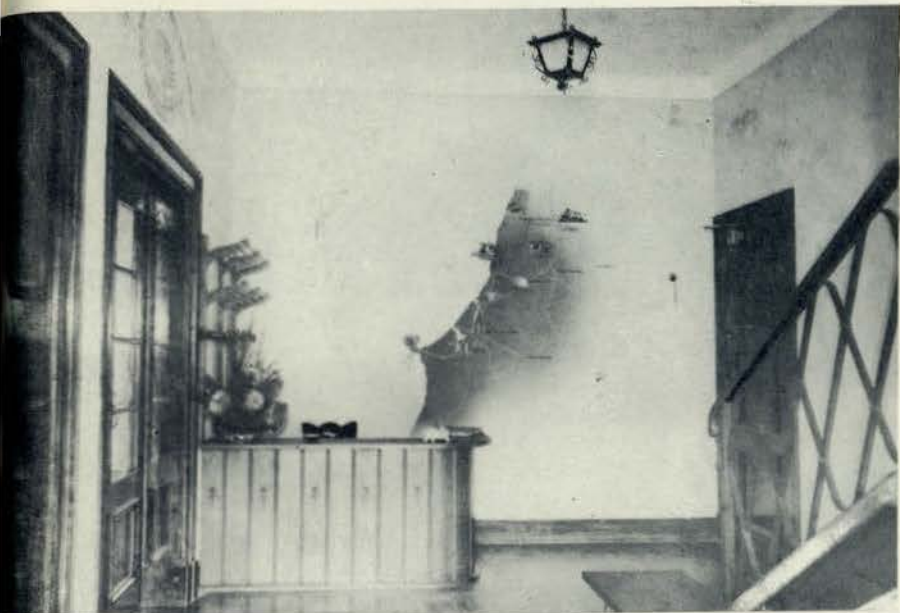
Ao arquitecto Veloso Reis Camelo se deve, em grande parte, êste acêrto, esta harmonia indispensável. Feliz no projecto arquitectónico, não o foi menos no arranjo dos interiores, que êle próprio desenhou e dirigiu, com esclarecida intenção, justa medida de confôrto e apurado gôsto estético.

Logo à entrada, o acolhedor vestíbulo, em que sobressaem os ferros forjados e um mapa da região, pintado na parede. Sem a clássica e aparatosa recepção hoteleira dos grandes átrios, com porteiros e «grooms» fardados às portas, tem-se logo, ali, a repousante sensação de calma que nos dão as casas acolhedoras e simples onde desejaríamos «ficar».

Na sala de jantar — com pintura mural

O confortável recanto do fogão e o "bar"

Um ângulo do átrio e um pormenor de um dos quartos

A sala de jantar, com pintura mural de Manuel Lima

Na parede do átrio, um mapa da região. — Outro recanto da sala

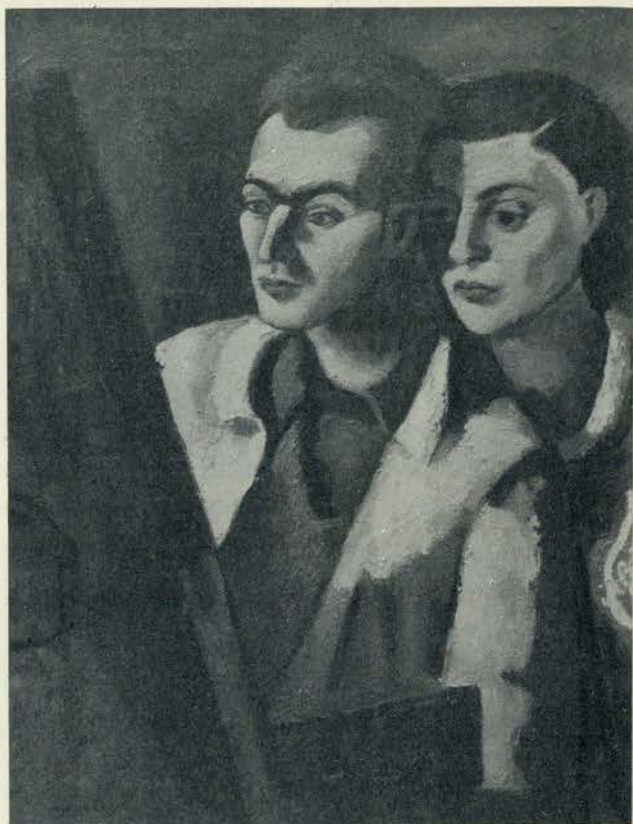
de Manuel Lima — uma grande chaminé de lareira faz-nos quási apetecer as longas noites de inverno: — Um bom, um confortável sofá convida-nos à meditação, às gratas recordações, à leitura de belos livros e, um pouco mais tarde (que a chuva a tamborilar na vidraça tem uma insistência insidiosa ..) àquela sonolência onde se geram os sonhos mais felizes.

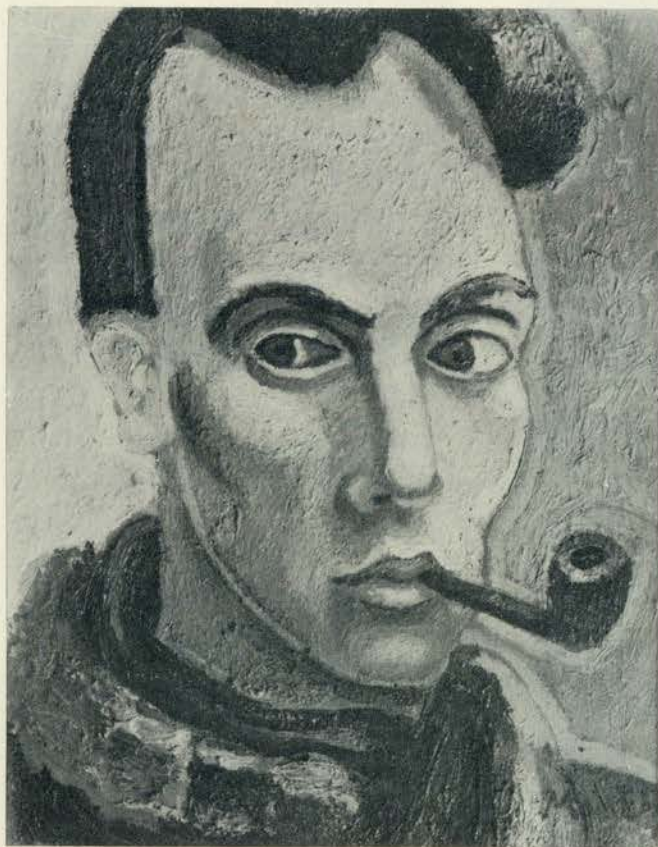
Mas, por enquanto, o «íman» está noutro lado: — São os terraços e as janelas rasgadas para o sol, para uma paisagem sedativa e luminosa, que atraem os nossos passos e enleiam a nossa presença.

O calor já não será excessivo, mas um refresco ainda apetece... Para êsse efeito, ali temos o «bar», convidativo, discreto e bem apretrechado.

Depois, os quartos de dormir: — sóbrios, alegres, simpáticos, num suave equilíbrio de linhas e de tons, e a mesma medida exacta de pitoresco regional e de comodidade «caseira».

A Pousada de São-Martinho, que tanto ficou a valorizar essa risonha e progressiva região estremenha (com as Caldas, Alcobaça e Nazaré... ali tão perto...) é mais um expressivo e hospitaleiro padrão da capacidade construtiva do nosso Govêrno, e da eficácia da actividade turística do Secretariado da Propaganda Nacional.

FOTOS DE MARQUES DA COSTA

FOTOS DE MARIO NOVAES

O PINTOR MÁRIO ELOY

UM quadro tem os seus meandros.

Ir além da periferia que o fecha é quási um acto ritual.

Nada de equívocos. É preciso olhar, esquecer e esperar..

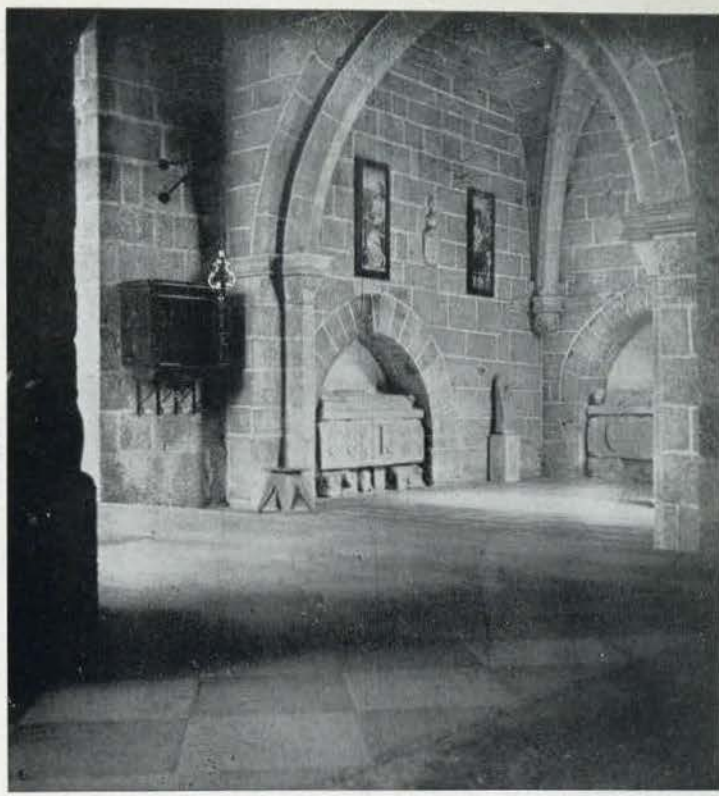
Mário Eloy segreda-nos muita coisa, através do seu desenho assertivo, da sua côr de virgindade pungente, da sua imprescindível necessidade ibérica de volumes ásperos e penumbras quentes.

Das suas figuras semelhantes exala-se uma aflita e estranha poesia — é um arquetipo cobrindo emoções e desejos indistintos, ou ferozmente expressos.

Tudo isso e uma noção de energia contida num espaço apertado, que ameaça explodir. Os termos contrários coexistindo nas mesmas figuras e embebendo-as de significação absoluta.

A pintura de Mário Eloy aperta com um nó cego uma humanidade actual e confusa, triste e emudecida.

ANTÓNIO DACOSTA

DESENHO DE MÀRIO ELOY

Dois aspectos do interior do museu. — «Santa Margarida»: calcário policromado, de origem francesa (século XV)

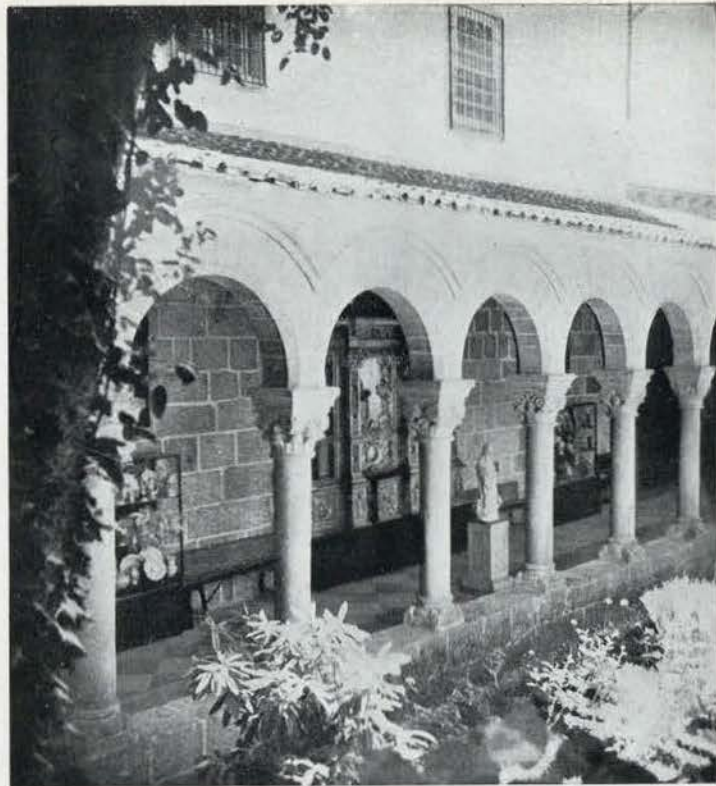
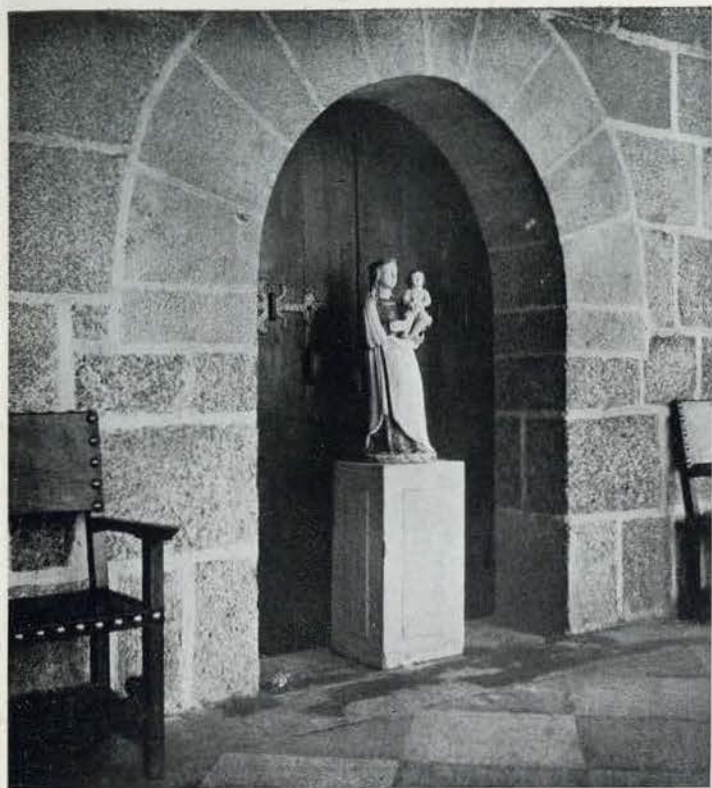
O MUSEU ALBERTO SAMPAIO DE GUIMARÃES

O Museu Alberto Sampaio é uma instituïção cultural que dignifica o País pelo valor histórico e artístico dos espécimes representativos do glorioso passado e património espiritual da Nação, e pelo superior critério museológico de quem o organizou e dirige, dedicada e competentemente.

Instalado em dependências da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, restauradas entre 1928 e 1935, o Museu Alberto Sampaio, aberto ao público em 1 de Agôsto de 1931, é o mais belo estabelecimento português da sua categoria e um dos museus mais ricos do País, principalmente em obras de ou-

rivesaria, tecidos, paramentos e bordados, esculturas de calcáreo, de madeira e alabastro.

Para se fazer idéia do seu precioso recheio, devem mencionar-se, entre as dezenas de peças expostas, algumas das mais importantes, raras e características.

No que se refere a conjuntos e fragmentos arquitectónicos, o Museu, alojado no admirável claustro românico da Colegiada (que foi também incluído na classificação do histórico monumento nacional) e nas salas anexas, conserva a portada latino-bisantina da primitiva capitular do edifício construído por Mumadona no século X; a capela mandada edificar

Dois pormenores do claustro do museu

entre 1419 e 1421 por Álvaro Gonçalves de Freitas, vedor da fazenda do rei D. João I, com sua portada em gótico primário, janelas ogivais e os túmulos do fundador e de sua mulher D. Beringela Gil; uma edícula monumental manuelina; fragmentos visigóticos de capitéis, ábacos, pia baptismal, etc.

Quanto a lápides, há três de grande valor documental: a da construção do edifício da Colegiada, mandado erguer depois da Batalha de Aljubarrota, em 1386, e as referentes à sagração da Igreja em 1401 e à construção da Capela de Santo André, no claustro, em 1447.

Entre as esculturas de calcáreo, de madeira e alabastro, devem destacar-se: as imagens de «Santa Maria de Guimarães», madeira policromada do séc. XII; de «Nossa Senhora do Leite», calcáreo de estilo francês do séc. XIII; de «Nossa Senhora da Piedade», alabastro inglês do séc. XV; de de «Santa Margarida», calcáreo policromado, de estilo francês do séc. XV; de «A Virgem e as Santas Mulheres», «A Virgem e S. João Evangelista», grupos de madeira policromada, também de estilo francês do séc. XV; de «Nossa Senhora», «S. João Baptista», «Nossa Senhora da Purificação», «S. Miguel», «Santa Bárbara», calcáreos do séc. XVI; outras peças renascentistas, imagens, grupos, e retábulos dos séculos XVII e XVIII de Ambrósio Coelho e Manuel Gomes de Andrade, artistas vimaranenses, etc.

Cálice gótico de prata doirada com aplicações de esmaltes translúcidos (séc. XIV)

Representam a pintura portuguesa das épocas de D. Manuel I e D. João III, os painéis em tábua representando «Nossa Senhora do Leite entre dois Santos», «A Anunciação», «A Virgem e o Menino» (de António Vaz) e «A Descida do Espírito Santo», atribuída ao mesmo pintor. Mais dois painéis dos séculos XVI e XVII, «Martírio de Santa Marinha», «S. Dâmaso e S. Torcato», duas telas «Natureza Morta» (assinadas *Pereira)* e duas telas de Vieira Portuense «A Virgem do Leite» e «A Sagrada Família» completam êste interessante núcleo.

O mobiliário é constituído por: um tocheiro de madeira policromada do séc. XVII; estantes setecentistas; bancos de couro e estofados com veludo de Utreque, do séc. XVIII, etc.

De peças de cerâmica possui o Museu: um pote de porcelana indo-china, côr de chocolate, com reservas; colecções de ladrinhos mosárabes; azulejos policromos com motivos persas, florentinos

«Piedade». Escultura. – O altar de prata doirada que os portugueses conquistaram aos castelhanos na Batalha de Aljubarrota.

FOTOS DE A. DE SOUSA LIMA

e «de tapête»; azulejos dos conventos da Esperança, de Lisboa, de S. Francisco, de Guimarães e de Monchique, do Pôrto; um depósito de água com respectiva bacia de faiança de Ruão do séc. XVIII, etc.

Muito belos e típicos são três frontais de couro de Córdova policromados e doirados, do séc. XVII. Um exemplar excepcional, único nas colecções do Estado, valoriza consideràvelmente o Museu Alberto Sampaio: é o tapête copta, de linho e lã, peça egípcia do séc. VI da nossa era. Há também, expostos, vários tapêtes de Arraiolos da primeira e da segunda épocas.

Os tecidos, paramentos e bordados, constituem núcleos dos mais ricos do Museu. Entre as peças valiosas destacam-se: o pelote de D. João I, montado sôbre cânhamo de linho, estofado a lã, recoberto de brocado e bordado (séc. XIV); um frontal de brocado de Veneza, do séc. XV; uma casula e vestes de missa solene, bordados a matiz em brocado de Veneza, veludo, oiro e prata; damascos espanhóis do séc. XVI; tenilhas indianas, uma casula chinesa e brocatéis espanhóis do séc. XVII; peças de Leão; paramentos bordados a oiro, a grande relêvo, e da Fábrica do Rato; fragmentos de tecidos persas, muçulmanos, venezianos, lioneses, espanhóis, indo-portugueses, etc.

Livros de cantochão iluminados, tinteiros e areeiros, pratos de cobre chamados de Nuremberg, e uma cruz de cobre florentina, formam um interessante conjunto de várias espécies de arte quinhentista.

E, finalmente, o mais valioso núcleo do Museu, constituído por peças magníficas de ourivesaria e joalharia do séc. XII ao séc. XVIII.

Do notável grupo de cálices românicos faz parte um de prata, talvez aragonês, que foi oferecido pelo rei D. Sancho I à igreja do Convento de Santa Marinha da Costa. Seguem-se, cronològicamente: um cofre do séc. XIII, relevado a punção, e outro do séc. XIV e persa, de prata, talvez aragonês, que foi oferecido pelo rei -baixo; o famoso altar de prata doirada, tríptico de estilo francês tomado aos castelhanos na Batalha de

LUÍS REIS SANTOS

(Continua na pág. V)

OS GRANDES VALORES TURÍSTICOS NACIONAIS

É fácil verificar, apreciando êstes aspectos do seu interior, que o Hotel «Garantia» passou a ser um dos mais civilizados e confortáveis do país.

SEM bons hotéis não pode haver turismo; é já um lugar comum do domínio público.

Felizmente, a iniciativa particular neste capítulo muito tem realizado ùltimamente, secundando os esforços e seguindo os exemplos do que os poderes públicos têm feito e preconizado.

Em Famalicão, no ponto mais central da vila, na estrada do Pôrto a Braga, foi recentemente construído o Hotel Garantia que pode servir de exemplo a outras edificações turísticas do género, pelo cuidadoso arranjo e verdadeiro sentido do confôrto que presidiram à sua construção.

O novo hotel, propriedade da Companhia de Seguros Garantia, e construído por iniciativa da Direcção da mesma companhia que por esta forma, altamente louvável, colabora na obra de ressurgimento nacional, aplicando as suas reservas num empreendimento da maior utilidade para o desenvolvimento da região, foi construído inteiramente de novo sob projecto do eng. e arq. Júlio José de Brito, no local de uma antiga pensão de precárias condições, como tantas outras que infelizmente ainda existem por êsse país fora.

Em estilo regional tanto na sua construção como no mobiliário e decorações, pode considerar-se um modêlo no género, como o demonstram alguns dos aspectos que se reproduzem nesta página.

Os seus trinta e dois quartos amplos, cómodos e dotados de todos os requisitos do confôrto, a enorme sala de jantar com os seus artísticos lustres em ferro forjado, o seu mobiliário do mais moderno acabamento e tôdas as decorações do artista António Nascimento Neto, o cuidadoso arranjo e a impecável instalação de tôdas as suas dependências, dão a esta obra um conjunto de condições que a tornam um grande exemplo a seguir.

A. C.

HOTEL «GARANTIA» • FAMALICÃO

TURISMO

BOLETIM BIMENSAL

EDITADO PELO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

REGISTÁMOS, sem comentários, no nosso número anterior, o relêvo que a IMPRENSA DIÁRIA do País tem dado, nos últimos tempos, aos melhoramentos públicos, iniciativas e aspirações regionais. O certo é que êste facto merece algumas linhas de entusiástico louvor.

Somos do tempo — sem sermos idosos — em que os jornais da capital raríssimas vezes se dignavam reconhecer a existência ou, pelo menos, dispensar a devida atenção aos interêsses vitais da nossa PROVÍNCIA. Como reacção a êsse ingrato e perigoso abandono (aliás, em grande parte, reflexo directo de uma excessiva e congestionante centralização das obras e actividades públicas), evocamos êste expressivo brado de certo jornalista ribatejano, num editorial do semanário da sua terra: — «A Província também é Portugal!»

Era, mas não parecia. Fora os crimes passionais, os roubos e desastres espectaculosos de que fôsse teatro, qualquer região ou localidade provincial teria de esperar pacientemente, para ser falada nos grandes órgãos lisboetas, que algum dos seus directores a escolhesse para passar as férias... Espécie de sorte grande!

O que hoje se verifica, é bem diferente. Tão diferente, que já é vulgar ver-se nas primeiras páginas dos nossos principais diários — tanto de Lisboa, como do Pôrto e de Coimbra — em lugar de honra, artigos consagrados às virtudes turísticas, indústrias, melhoramentos, deficiências, aspirações e apelos dos aglomerados provinciais, desde a capital de distrito à mais longínqua e esquecida aldeia.

Seria injusto deixar passar em claro êste facto, e estúpido não reconhecer o que êle significa —: que a IMPRENSA DIÁRIA do País tem, hoje, uma consciência mais esclarecida, larga e profunda da sua «missão nacional».

ALGUNS ARREDORES DE GUIMARÃES

CALDAS DAS TAIPAS

A Ara de Trajano
Ponte Romana
Citânia de Briteiros
(estação arqueológica luso-romana)
Castro de Sabroso
(estação arqueológica pré-romana)

Hotel das Termas
Pensão Vilas

TRANSPORTES
Carreiras de caminhetas:
João Ferreira Neves
Magalhães, Irmão & C.ª

Campismo
Caça
Pesca
Praia fluvial

S. TORCATO

Santuário de S. Torcato
estilo romano-gótico (séc. XIX)

Capela da Madre de Deus

Igreja do Mosteiro de S. Torcato
(um pouco adiante do Santuário)

Romaria de S. Torcato
no 1.º domingo de Julho
(uma das mais concorridas no norte do país).

TRANSPORTES
Carreiras de caminhetas:
João Carlos Soares

CALDAS DE VIZELA

Ponte romana
(conhecida pela «Ponte Velha»)

Cruzeiro e frontaria da Igreja de Santo Adrião.

Convento de Vilarinho

Pão de ló coberto e vária doçaria regional

Romaria de S. Bento
em 11 de Julho, no Monte de S. Bento a 471m. de altitude.

Hotel Cruzeiro do Sul
Hotel Sul Americano
Hotel Universal
Várias pensões

TRANSPORTES
Carreiras de caminhetas:
Oliveira Fernandes & Ribeiro, Lda.

Caminho de Ferro:
Estação de Vizela

LOCAL DA PENHA

A 6 km. de Guimarães (617 m. de altitude).

Estância de repouso, com santuário e conjunto de rochas e *grutas*, numa das quais se venera a imagem de *Nossa Senhora do Carmo.*

Noutra, formada por dois penedos colossais, está a de *Nossa Senhora de Lourdes.*

No planalto sobranceiro, há o *monumento a Pio IX*, dominando o vastíssimo panorama, em que se avistam as terras de Arga, do Sameiro, do Barroso, Amarela, do Marão, do Gerez e de Valongo, o Monte Córdova e a Franqueira, etc.

Esculpido numa rocha está o *monumento* em homenagem a *Gago Coutinho e Sacadura Cabral.*

O QUE TEMOS EM GUIMARÃES DE MAIOR INTERÊSSE

CAPELAS, CONVENTOS E IGREJAS

Basílica de S. Pedro (séc. XIX).

Capela de Santa Cruz (séc. VXII).

Capela de S. Miguel do Castelo (séc. XII).

Capela de Santa Luzia (séc. XVI).

Capela de Nossa Senhora da Conceição (séc. XVIII).

Capela de S. Francisco (séc. XVIII).

Colegiada e igreja de Nossa Senhora da Oliveirinha (séc. X).

Convento das Capuchinhas (séc. XVIII).

Convento de Santa Clara (séc. XVIII).

Igreja dos Santos Passos (séc. XVII).

Igreja dos Capuchos (séc. XVII).

Igreja do Carmo (séc. XVII).

Igreja de S. Dâmaso (séc. XVII)

Igreja das Dominicas (séc. XVI) rico interior em talha e azulejo.

Igreja de S. Domingos (gótico, séc. XIV).

Igreja da Misericórdia (séc. XVI).

Igreja e Mosteiro de Santa Marinha da Costa (séc. XII), na encosta fronteira ao castelo, no caminho para o Alto da Penha.

Ermida de S. Roque, no caminho da Penha.

HOTEIS, PENSÕES E RESTAURANTES

Hotel do Toural

Hotel da Penha (no local da Penha, a 6 km. da cidade).

Estalagem de Guimarães.

Pensão Império.

PALÁCIOS CASTELOS E MONUMENTOS

Castelo de Guimarães (séc. XII).

Paço dos Duques de Bragança e Guimarães (séc. XV).

Cruzeiro gótico de S. Francisco (séc. XV).

Cruzeiro Manuelino (séc. XVI).

Cruzeiro dos Pombais (séc. XVI).

Monumento a Martins Sarmento (séc. XX).

Monumento ao Conselheiro João Franco (séc. XX).

Padrão comemorativo da Batalha do Salado (séc. XIV).

Antigo edifício dos Paços do Conselho (séc. XVI) monumento nacional. Serve actualmente de Arquivo Municipal.

Casa das Hortas (séc. XVIII).

TERMAS

Caldas das Taipas — a 7,5 km. da cidade. Águas sulfúreas sódicas.

Termas de Vizela — a 9,5 km. da cidade. Águas sulfúreas sódicas, muito rádio-activas pelo rádon.

(Indicadas para doenças do aparelho respiratório e da pele, reumatismo e sífilis).

INDÚSTRIAS REGIONAIS, COZINHA E DOÇARIA

Bordados de Guimarães, em linho e em algodão.

Diversos artigos, manipulados em palha (Vizela).

Colheres de pau (Vizela).

Cozinha Minhota.

Tortas
Toucinho do Céu
Douradinhas
Sardinhas de doce } Guimarães

MUSEUS E BIBLIOTECAS

Museu Regional Alberto Sampaio (instalado nos claustros e dependências da Colegiada da Oliveirinha), no Largo da Oliveirinha. — Contém uma importante colecção de arquitectura, escultura, pintura, couros de Córdova, esmaltes, mobiliário, ourivesaria, tecidos bordados e obras em talha.

Museu da Sociedade Martins Sarmento, instalado em edifício cuja fachada é de estilo bisantino moderno, com pintura «a fresco». — Possui notáveis colecções de arqueologia monumental, epigrafia, numismática, cerâmica, gravuras, e uma Biblioteca de mais de quarenta mil volumes. Tem à sua guarda a conservação das importantes estações arqueológicas da *Citânia* e *Sabroso*.

FESTAS E ROMARIAS

Romaria de S. Torcato (a 7 km. da cidade).

Romaria de Santa Marta das Cortiças, em 29 de Julho, na Serra da Falperra (a 16,5 km. passando pelas Caldas das Taipas).

Romaria de S. Gualter, no 1.º de Agôsto, na cidade (dura 3 dias).

Romaria de S. Mateus, no último domingo de Setembro, na freguesia de Gonça.

Peregrinação anual a Nossa Senhora do Carmo da Penha, no 1.º domingo de Setembro, no local da Penha.

Romaria de S. Bento, em 11 de Julho, em Vizela, no monte de S. Bento (471 m. de altitude).

DIVERSOS

Chafariz, em frente da igreja do Carmo (Renascença).

Rua de Santa Maria (séc. XIII).

Casa do Arco (na Rua de Santa Maria).

Muralha trecentista.

Casa das Rótulas, na Rua Francisco Agra (séc. XV).

Campo do Salvador (antigo de S. Mamede, onde em 1128 se travou a batalha entre D. Afonso Henriques e sua mãe D. Teresa).

Jardim Público (séc. XX). Taça com escultura «Pequeno fauno».

Casa da Cantonha, construção regional, na Costa, frente à cidade.

TRANSPORTES

Por caminho de ferro: Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal. Linha do Pôrto a Fafe (estação da Trindade).

Caminhêtas: do Pôrto: Auto-Mondinense, Lda. (Garagem Galiza) e João Ferreira Neves (Garagem de «O Comércio do Pôrto»).

De Guimarães para Caldas das Taipas até Braga: Magalhães, Irmão & C.ª

De Guimarães para Felgueiras, Pôrto e Póvoa de Varzim: João Ferreira das Neves (Garagem no Largo do Toural, 127).

De Guimarães para Fafe: João Carlos Soares.

GUIMARÃES é um estupendo ponto de partida para passeios agradáveis, instrutivos e salutares. —Escolha neste mapa o itinerário do seu Fim-de-Semana e parta para GUIMARÃES.

VARANDAS SÔBRE LISBOA

SUGESTÕES DE UM PASSEIO A ALMADA

por Jorge Pelayo

O relêvo de Lisboa permite que existam, espalhados pela cidade, alguns miradoiros. Integrados, por assim, dizer, no casario, sentimo-nos levados antes pelo sentido e gôsto da orientação e localização. A vizinhança dos prédios distrai-nos, a cidade apresenta-se-nos, pela proximidade, mais como um aglomerado humano que como um conjunto, mais ou menos estético, de edificações. A visão é, por todos os aspectos, parcial e reduzida.

Mas existe um ponto que pela sua especial situação é o único miradoiro sôbre Lisboa. E o espectáculo dali não é só panorâmico, é também histórico. Podem apreciar-se os estratos da formação da capital: primeiro a parte ribeirinha, a mais antiga — que Lisboa nasceu com o mar; depois as épocas vão desfilando, concretizando-se em diferentes manchas de côr e aspecto; lá para o fundo, quási a adivinhar-se já, a parte moderna, as novas veias que de há cêrca de quinze anos se vem enriquecendo.

Acompanhando o colear da fita maravilhosa do Tejo, Lis-

boa estende-se, indolente; indolente só em aparência, porque até nós chega, aqui, à outra margem, o incessante rodilhar dos guindastes nos cais.

Pelo rio, veleiros e vapores não param. Cargueiros fundeados lembram a guerra distante: ali um da Cruz Vermelha Internacional, mais perto outro, da frota mercante da Suíça, país que tem Lisboa por principal pôrto de mar... e mais, e mais...

Lá ao longe, envôlta em bruma e beleza, a serra de Sintra.

*
* *

Pois êste ponto da margem esquerda do Tejo, de onde Lisboa melhor se pode compreender e admirar, é Almada. E se Almada é, pois, pela sua natural situação geográfica, o único miradoiro sôbre Lisboa, é lógico que para ela se voltem as atenções do turismo.

No fundo do problema — não tendo permitido até hoje a realização de qualquer obra de vulto — está a falta de água. Falta de água, drama de uma terra encostada a um dos grandes caudais da Europa. Mas a questão está a solucionar-se e dentro de alguns meses a água, trazida de longe, percorrerá a vila, subirá às habitações, revivificará os jardins.

Por outro lado, a vila é suja e pobre. O primeiro aspecto parece poder resolver-se com a água, com uns quilos de argamassa a rebocar faltas pelos prédios, e com umas latas de tinta ou de lusitana cal; porém, o nível de vida da população, (na maioria operariado das emprêsas fabris marginais), não lhe permite êstes gastos, embora relativamente pequenos, nem os próprios senhorios estão em condições de cumprir posturas que os obriguem a dispendiosas e freqüentes beneficiações nas suas propriedades. A uns e a outros terá, decerto, de ir o auxílio do Estado.

Há pequenos pormenores, porém, que são de fácil e importante remedeio. Dois exemplos: um pequeno quadrado de terreno, com um máximo de três portas nos seus quatro lados, merece a pomposa designação de Largo e, para mais, *Largo de Fernão Mendes Pinto*... Se não existisse qualquer letreiro, (dado que o podemos considerar como parte integrante da rua que o gera), notar-se-ia menos; mas a impressão é tanto mais penível, quanto ela nos atesta ingrata homenagem ao delicioso autor da *Peregrinação*.

Perto dêsse «largo» existe um prédio, de dois andares, de miserável aparência; reparando depois melhor, vemos não ser um prédio, mas a sua fachada sòmente. O prédio foi demolido, a fachada ficou servindo de muro. Ora, quero crer que se abatessem essa fachada e vendessem a alvenaria, o produto da venda cobriria as despesas a fazer com a construção de um simples e caiado muro.

Vejamos, agora, algumas possibilidades turísticas e de arranjo estético. Existe um pequeno miradoiro, gracioso quanto à arquitectura, ao qual falta uma pequena latada, se bem que tenha o travejamento para ela. E quero ver ainda nessa falta o problema da água. Mas uma só varanda não basta. A esplanada do Castelo... Já que falamos em Castelo, é justo preguntar que Castelo é êsse que, conquanto exista nos indicativos quilométricos da estrada e esteja ligado à história da Fundação de Portugal, por mais que o busquemos, se não distingue? Talvez que seja essa arte da guerra moderna, a camuflagem, que o esconde aos olhos dos profanos!... Urge restaurá-lo, para que as paredes que ainda restam dêle se nos não apresentem como as ruínas de um velho palheiro.

Pois ia-vos falando da esplanada do Castelo: — não seria justificável a construção, aqui, de um novo miradoiro, já que o sítio é alto?

Bastante acima do nível do Tejo, encravada na montanha que ali é áspera, há uma edificação, que não sei se teria feito parte do Castelo e que hoje pertence à Câmara de Almada. Aí, uma nova varanda, talvez a mais bela, deveria ser aberta. O Município tinha pensado já em a aproveitar para restaurante, ou mesmo pousada. É um caso merecedor de estudo, tanto mais que ainda não está na zona que as leis militares indicam como pertencendo à influência do Forte.

Um rochedo, a quinze ou vinte metros da margem, se estivesse ligado a esta por uma estreita ponte e possuísse condições artificiais de segurança, deveria transformar-se num local magnífico para os amadores de pesca à linha.

Pequenas-grandes coisas a fazer... Mas tantas outras havia, que o espaço não nos deixa sugerir!

*
* *

Além, sôbre Lisboa, as sombras vão-se alargando e estendendo, vão ganhando uma tonalidade violeta; dentro em pouco, aqui e ali acender-se-ão as primeiras luzes e, mais tarde, ainda há-de Lisboa cintilar em milhares de janelas, em clarões que sobem das avenidas e das praças. Abaixo de mim, um barquito a remos faz singela cabotagem, transportando barris. No forte, lá no alto — no mais alto de tudo que nos rodeia — desenha-se nìtidamente contra o azul do céu uma sentinela que vigia. Sôbre tôdas as coisas paira a recordação das chamas que consumiram o palácio de Manuel de Sousa Coutinho.

DESENHO DE CARLOS RIBEIRO

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

«Estudos Etnográficos»

O Instituto para a Alta Cultura começou, há pouco, a editar uma obra de excepcional categoria literária e gráfica, constituída por *Estudos Etnográficos* coordenados por D. José de Castro, em 18 volumes — com capas, desenhos, mapas e fotografias do autor.

O 1.º tômo, consagrado aos *Moliceiros* de Aveiro (barcos, faina, vida, costumes, etc.), põe nìtidamente à prova as invulgares aptidões de D. José de Castro, o seu espírito de observação e probidade científica — tanto na justa medida de estilo e erudição, como no intúito puramente documental dos clichés e das ilustrações, a que não falta o importante pormenor da côr.

A composição e impressão dêste magnífico repositório do nosso variado património etnográfico — que se tornará indispensável nas estantes de todos os portugueses cultos — são da Litografia Nacional, do Pôrto.

Caldas de Monção e de Manteigas

No mapa das *Praias e Termas* que publicámos, fora-do-texto, no nosso número anterior, foram involuntàriamente omitidas estas duas consideráveis estâncias de cura, repouso e veraneio.

Os respectivos Municípios, em ofícios assinados pelos seus presidentes, apressaram-se, como lhes competia — e em termos de extrema delicadeza — a lamentar os lapsos e a pedir-nos que oportunamente os corrigíssemos. É o que vamos fazer, pedindo desculpa da falibilidade dos nossos serviços técnicos, e lembrando a todos os organismos interessados a conveniência de, em idênticas circunstâncias, procederem do mesmo modo.

CALDAS DE MONÇÃO. — Esta estância minhota, situada na vila do mesmo nome (à qual já dedicámos um artigo no nosso número 10), possui quatro fontes de água especialmente recomendada para tratamento do artritismo, da asma e da hipertensão arterial. É muito freqüentada, tanto por nacionais como por estrangeiros. Tem hotel, pensões, campo de «ténnis» e boas condições para a prática do campismo e da pesca à truta. Paìsagem e clima excelentes para repouso.

CALDAS DE MANTEIGAS. — Próximas da pitoresca povoação de Manteigas, na Serra da Estrêla, a mais de 700 metros de altitude. As suas águas, fracamente mineralizadas e radioactivas, são preciosas para o tratamento do reumatismo, nevrites e doenças de senhoras. Panoramas deslumbrantes e passeios inolvidáveis, principalmente ao Pôço do Inferno e às Cascatas da Candeeira. Pensão aberta todo o ano.

O flagelo das môscas

A *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, do Pôrto, depois de tomar conhecimento das declarações feitas pelo director do S. P. N. perante os delegados das Comissões e Juntas de Turismo, particularmente quanto à necessidade de se exterminarem as môscas (um dos mais temíveis inimigos da saúde pública e do progresso do nosso turismo), dirigiu um ofício ao Sr. António Ferro, manifestando o seu júbilo e o seu mais franco e decidido aplauso.

Nesse ofício recordam-se as diligências que a prestimosa colectividade nortenha tem feito, desde 1928, no sentido de se destruir a nefanda espécie, sobretudo com a publicação do folheto do Dr. José Maria Braga, naturalista da Faculdade de Ciências do Pôrto (de que o PANORAMA reproduziu alguns passos, no n.º 14), e declara-se o seguinte: — Que a Liga tem já ao seu dispor um abundante material de propaganda, e que se encontra, portanto, habilitada a oferecer ao S. P. N. os seus serviços, para uma larga campanha contra os execráveis insectos, desde que lhe sejam fornecidos fundos indispensáveis para que possa atingir plena eficiência, prontificando-se a elaborar, para tal fim, um plano circunstanciado. A carta termina com o convite para uma visita de António Ferro à sede da colectividade.

Pousada de S. Gonçalo

Por êrro de composição — pois tinha-se escrito 900 — foi atribuída, no Boletim do nosso número passado, a altitude de 90 metros ao local onde se encontra esta hospitaleira Pousada, no Marão, entre Amarante e Vila Real. O número exacto é, porém, 885 metros.

«A cidade de Évora»

É como se intitula o órgão da Comissão Municipal de Turismo da capital do Alentejo, cujo primeiro número, saído há poucos meses, se apresenta com variada colaboração, úteis informações e elucidativas gravuras. Do artigo «Urbanização e Turismo», assinado por António Bartolomeu Gromicho, extraímos os seguintes períodos, relevando a boa doutrina que os informa:

«Tem a Câmara entre mãos o estudo do plano de urbanização da cidade. Por indicação do Govêrno, foi contratado o arquitecto-urbanista Sr. Etiènne de Gröer, técnico abalizado e prof. da Universidade de Paris, que já deu as suas provas em Portugal. O Sr. de Gröer, como se pode avaliar pelos seus relatórios e ante-projectos, encarou o problema tal qual tem sido focado pelos maiores amigos de Évora: — *A cidade intra-muros é uma acrópole sagrada, onde pouco há que alterar; basta limpar e conservar*».

«O plano de urbanização visa, principalmente, a expansão da cidade extra-muros, como a sua crescente população vai impondo e, muito em particular, a sua moderna feição industrial, que vai sendo superior ao que muita gente supõe.»

«Intra-muros, impõe-se, desde já, a limpeza higiénica, que vai da vassoura humilde das ruas até ao íntimo das habitações; a limpeza estética das praças, largos e jardins, até à reposição de quanto se abastardou, durante anos de vandálica obcessão destrutiva.»

«Panorama» regista

★ As atenções e gentilezas com que têm sido sempre recebidos os excursionistas de «Conheça a sua Terra», por parte dos directores, pessoal e funcionários superiores das emprêsas, colectividades e organismos visitados.

★ A notícia de que o activo Município de Alcobaça vai fazer construir na cidade um parque infantil, um campo de «ténnis», um «rink» de patinagem e uma piscina.

★ O acertado critério de divulgação cultural com que estão a ser organizados em Sintra o *Museu Municipal* e a *Biblioteca*, onde já se encontram valiosas espécies etnográficas, de arte popular e bibliográficas.

★ A idéia lançada pelo *Diário de Notícias* de um *Congresso das Praias Portuguesas*, a realizar-se no próximo ano.

★ A publicação de dois estudos do nosso colaborador Armando de Mattos — «Manis Palla» e «Giral Cabrom» — editados, num volume, pela Junta de Província do Douro-Litoral.

★ A animação com que decorreram as romarias e feiras de Setembro, nomeadamente: a *Feira de S. Mateus*, em Viseu; as *Feiras Novas*, em Ponte de Lima; a *Festa das Vitórias*, na Lixa, e a *romaria de Sampaio da Torreira*.

★ A exclusão da doçaria regional nas restrições oportunamente impostas pelo Ministério da Economia ao fabrico nacional de doces.

AS POUSADAS AO SERVIÇO DO TURISMO

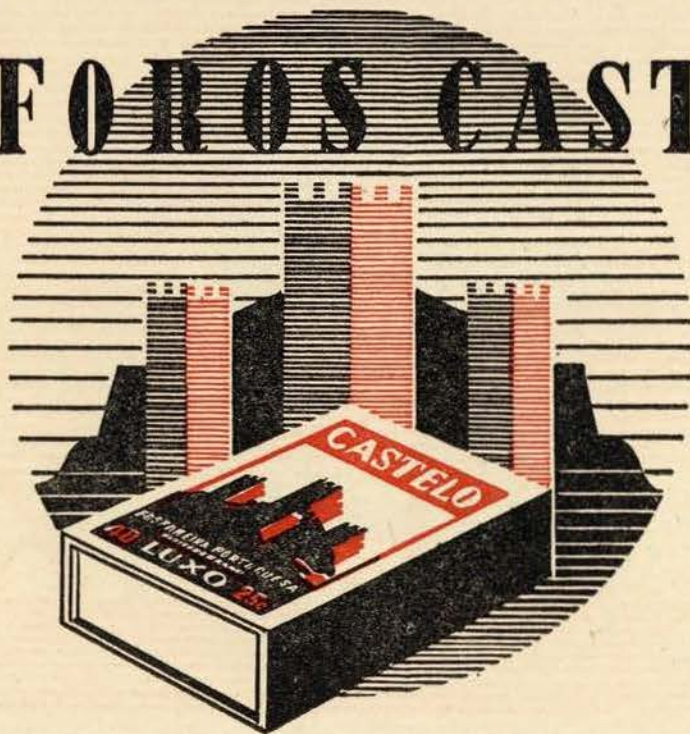
Com êste título, publicou o Diário de Coimbra, *no dia 3 de Setembro, o artigo que a seguir transcrevemos — assinado pelo nosso colaborador Luiz Forjaz Trigueiros:*

DESDE que se passa o têrmo das Caldas-da-Rainha, rumo a Coimbra, na estrada Lisboa-Pôrto, entra-se numa das regiões mais dotadas e mais belas do país. A vegetação omnímoda, a riqueza agrícola e industrial, a variedade da païsagem, o valor histórico — tudo se reüne, em alegoria festiva e sorridente, nesses quilómetros que levam desde a nova cidade das Termas, de Rafael Bordalo e do «Céu de Vidro», até à Rainha do Mondego, terra de doutores e de tricanas...

Por mim, há longos anos já, desde a meninice, que tenho um decidido *fraco* por esta região privilegiada. A recta da Tournada, com os seus pinheiros frondosos que a brisa marinha levemente afaga; as curvas de S. Martinho-do-Pôrto com a concha da praia, encravada lá em baixo, no limite do horizonte; Alcobaça e o seu «ex-libris» monumental; Aljubarrota, Batalha; Leiria, a cidade mais *queirosiana* de Portugal — no sentido de evocação e de presença — Pombal, Cernache, finalmente Coimbra...

Há dias, inaugurou-se mais uma Pousada do S. P. N., na estrada de S. Martinho, entre Alfeizerão e Alcobaça. Estas *Pousadas* do Secretariado da Propaganda têm seus encantos especiais. O nome diz tudo. *Pousadas,* isto é: locais em que se *pousa,* apenas, por uma ou duas noites. Não se trata de sanatórios para longas estadias, mas de parênteses para pequenos sonhos. E como estão decoradas a preceito, com gôsto regional e, portanto, com bom gôsto — não há nada a dizer-lhes...

É pena que neste rincão privilegiado, fadado por Deus para tôdas as graças do Milagre, da Lenda e da Aventura, não se multipliquem Pousadas como aquela. Daqui adivinho uma, no alto da Testiaria, em Alcobaça, lugar que pouca gente conhece, mas que deslumbra alguns. Prevejo outra, no «Sítio» da Nazaré, à sombra de Fuas Roupinho e, talvez, sob a invocação da Senhora. Desejaria outra, ainda, perto da Conímbriga, ou nos pinhais resinosos de Pataias, espécie de povoação do oeste americano, onde só faltam os *cow-boys* e o *sheriff*...

Dir-se-á que as Pousadas se destinam a quem passa de viagem e que, portanto, só se explicam à beira das estradas principais. É possível. Mas o S. P. N. pode mudar-lhes o nome e aproveitar-lhes o estilo — êsse estilo inconfundível que criou e que, com tão fecundos resultados turísticos, tem beneficiado as mais diversas regiões. Esta a que me refiro é, na verdade, uma região ímpar, pela individualização particular dos seus encantos. E agora que S. Martinho-do-Pôrto também tem a sua Pousada — uma das mais completas e belas do país — é perfeitamente legítimo desejar que muitas e muitas outras semelhantes lhe sucedam.

Negresco
Restaurante
Dancing ★ Bar
RUA JARDIM DO REGEDOR, 43 ✠ TELEFONE 29583

zinália
Brilhantina
REFLEXA
4 CÔRES: AZUL ● BRANCA ● AMBAR ● PRETA

SANATÓRIO DE SANTANA

(Continuação da página 7)

Mas D. Claudina de Freitas Chamiço diz-nos ainda no § 15.º: — «Se existisse o meu prezado amigo, o Ex.mo Sr. Dr. Gregório Fernandes, não começariam a funcionar estas minhas disposições senão por sua morte. [...] Em verdade e sem exagêro posso dizer que é a êle que a obra deve a sua existência e o seu bom funcionamento».

A 2.ª disposição testamentária diz: — «Os serviços internos do Sanatório estarão sempre a cargo de religiosas católicas [...] a minha intenção será cruelmente desvirtuada se em qualquer ocasião a minha obra deixasse de ser profundamente católica».

Desde a sua fundação, exceptuando um curto espaço de tempo, a enfermagem do Sanatório foi sempre entregue a religiosas.

1914-1918. A Grande Guerra, a desvalorização do dinheiro, dias sombrios. Os rendimentos tornam-se escassos; entra o Sanatório num período de vida difícil, que a boa administração e algumas soluções de momento, ainda que generosas, não impediram que em 1926 o Sanatório chegasse a ter só três crianças hospitalizadas.

Em 1927, sendo provedor da Misericórdia o Dr. José da Silva Ramos, resolveu a comissão entregar à Santa Casa o encargo e a directa administração do Sanatório. Fixa-se a lotação em 130 crianças. Fazem-se grandes obras de melhoramento. A êsse tempo, via-se diàriamente alargar o seu campo de acção:

— A protecção à criança, primeira finalidade da assistência da Misericórdia; a construção de creches, de lactários, de um serviço de consultas externas, cuja criação obedeceu ao plano geral de protecção à criança.

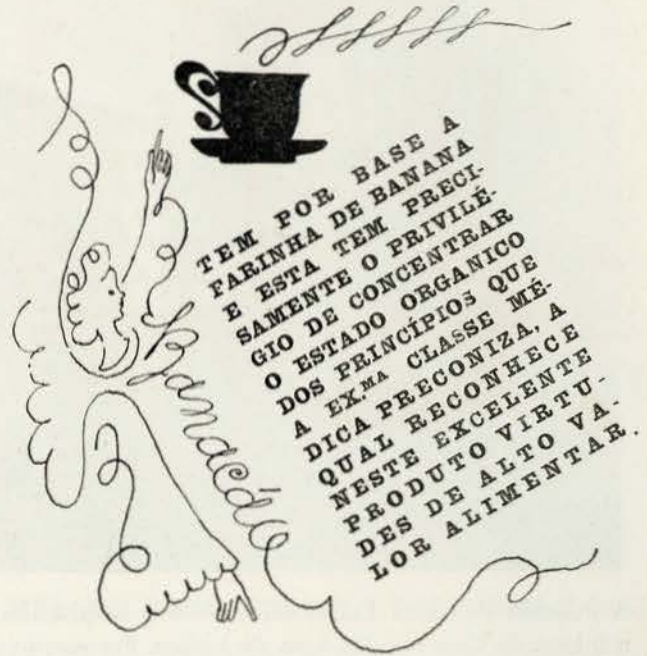
O Sanatório da Parede é um vasto edifício de 176 metros de comprido, situado junto do mar. Amplas salas, admiráveis enfermarias, largas salas de tratamento, galerias de cura pelo sol — vive independente. É uma vila dentro da vila da Parede, cheia de crianças.

Uma terceira fase da vida do Sanatório vai começar.

Projecta a Provedoria da Misericórdia de Lisboa, dentro do vasto plano de assistência social de Sua Ex.ª o Senhor Sub-Secretário do Estado, novas e grandes obras de melhoramento.

E, com largueza e generosidade, a indispensável actualização: — sala de operações, ampliações da sala de agentes físicos, criação de uma sala de reeducação de movimentos, etc., etc.

Posso desde já dizer que ràpidamente se adaptaram algumas casas da cêrca a colónias de férias. Mais 90 crianças vão aproveitar da obra inicial de D. Claudina Chamiço, tão fielmente mantida pela Misericórdia.

CARLOS EUGÉNIO DA SILVA RAMOS
Médico-assistente do Sanatório de Santana

POUSADA DE SANTA LUZIA • ELVAS

A Pousada de Santa Luzia, confortável e hospitaleira, fica na estrada de Lisboa a Elvas, a 200 m. desta cidade, a 8 kms. de Caia e a 228 kms. de Lisboa. Por escrito ou pelo telefone (Elvas, 19) pode mandar reservar um quarto ou avisar da sua chegada para um delicioso fim-de-semana.

ARTIGOS PARA FOTOGRAFIA E CINEMA. REVELAÇÕES, CÓPIAS E AMPLIAÇÕES FOTOGRÁFICAS. OS MELHORES LABORATÓRIOS.

RUA NOVA DO ALMADA, 84 - LISBOA - TELEF. 2 4670

SUISSO ATLÂNTICO

Hermida *Martins, Lda*

HOTEL

UM HOTEL SOSSEGADO E CONFORTÁVEL COM PREÇOS MÓDICOS | DIRIGIDO PELOS SEUS PROPRIETÁRIOS

RUA DA GLORIA, 19 | LISBOA
TEL. P. B. X. 2 1925 | 2 7260 | 2 4216

Vindimas

(Continuação da pág. 16)

A videira encontra-se por tôda a parte — e, mesmo onde outras culturas ocupam o primeiro lugar, existe uma parreira, uma latada, a dar sombra durante a canícula e saborosos bagos dessedentadores. Nestes dois palmos de chão que a espada e a Cruz talharam na Moirama para dilatar a Cristandade, o mês de Setembro é a época da uva:

> *«Quadra popular sem rimas*
> *e baile sem raparigas,*
> *É Setembro sem vindimas,*
> *é vindimas sem cantigas.»*
>
> Silva Tavares (inédito).

No edénico Minho, as uveiras erguem-se ao céu, dir-se-ia ansiosas de espaço. Numa curiosíssima associação, a videira de alto porte enlaça-se na árvore protectora e os cachos aparecem dependurados, lá no cimo dos ramos, como se dêles fôssem.

Compridas escadas levam as raparigas e os rapazes — é exercício para gente nova — de cabaz de aza no braço, a inverosímeis alturas; a mancha verde das uveiras, aqui, ali, já salpicada das pinceladas rubras ou doiradas das parras que acusam a vizinhança do outono, movimenta-se nas côres claras dos vestidos das vindimadeiras.

Mais para o sul, na zona raiana dos vinhos verdes e dos maduros, a videira posta em latadas oblíquas, simples ou duplas, ou arrimada aos bardos em corrimão, tem menos porte, chega-se mais ao chão. Todavia, em muitas delas, ainda há que trepar para colher os chachos pendentes:

> *«Nasce a uva na ramada*
> *Para ser mártir um dia;*
> *Mas depois de torturada,*
> *É Vida, Graça, Alegria.»*

Daqui, da Bairrada, até ao Algarve, a vinha é sempre rasteira, salvo nas latadas que, como na Rabicha, às portas de Lisboa, onde o Eça e seus pares desperdiçaram espírito e encheram os estômagos em comezainas pantagruélicas, a videira é assim educada para gáudio suave das almas dos poetas bucólicos e gôzo dos epicuristas.

O mesmo processo de vindima se verifica: a apanha, o transporte em cestos para a dorna ou tina colocada no carro que aguarda a carga no caminho vicinal. Mas os elementos em acção variam de forma e de linhas: no Douro, o cesto alto e esguio; na Bairrada, quási chato, como um açafate; no Oeste, com a forma de tronco de cone. As dornas e os carros também são diferentes: no Norte, o carro de rodas baixas, de jugos floridos e arrendados; no Douro, seguro ao gado por molhelhas; no Dão a dorna é estreita e alta; no Centro e no Sul, oval e maior. Razões mesológicas aconselharam à adopção destas variantes que mais curioso tornam o panorama vinícola português.

Na aldeia, tôda a vida se dobra às imperiosas exigências da vindima: mobilização total das pessoas; novos e velhos, lá andam na faina da apanha; todos os meios de transporte em movimento: o burro, a carroça, o carro de bois, o barco, se a melhor via é o rio. E não há horas para comer nem para descansar: as fermentações impõem prazos.

Um característico cheiro a mosto, a «balsa» espremida, a «curtimenta», corre no ar de mistura com o tac-tac ritmado dos trincos das prensas; o gemebundo chiar dos eixos dos carros de bois, donde se foi o cebo por demasiado trabalho; o plan-

gente gemido dos fusos das «varas», no apêrto periódico para manter o «pêso» suspenso.

Aqui, ali, um harmónio dá, no seu «fandango» ou «verde-gaio», a cadência que a turma da pisa deve manter no lagar, recalcando a uva, esmagando os bagos, reduzindo a líquido os lindos cachos, frutos primorosos de uma longa gestação.

À noite, são as seroadas intermináveis, à luz da candeia mortiça que nas paredes da adega projecta disformes sombras movediças... Desde os tempos de Dionísio, foi sempre assim para se obter o «néctar dos deuses» que é regalo dos fortes e estímulo dos débeis.

Quando a vinha ficou limpa, para ser entregue aos garotos na apanha do «rabisco», o bando dos vindimadores, enfeita os cestos e as dornas e, trazendo à frente os instrumentos de música que foi possível agrupar, volta, cantando, com o resto para a adega.

«Uvas pretas, Padre-Nossos,
As brancas, Avè-Marias,
Rosário tão saboroso
Rezava-o todos os dias.»

Mas a vindima não acabou... porque há que lavar os cestos e celebrar o «maguste» ou «adiafa», na adega do patrão, com carneiro guizado e água-pé nova, descantes e bailarico.

«A vela dá-nos o pingo
A uva dá-nos a «pinga»:
Uma é vida que morre
A outra é vida que vinga.»

Mais tarde, pelo S. Martinho, com as castanhas novas, então, «atira-se o barrete ao ar» — fura-se o pipo novo e, pela última vez no ano, Baco preside a um dia na vida campesina dêste Portugal de lavradores.

ANTÓNIO BATALHA REIS

O MUSEU ALBERTO SAMPAIO DE GUIMARÃES

(Continuação da pág. 37)

Aljubarrota; uma cruz, uma imagem de «Santa Maria» e um cálice gótico com patena, tôdas estas peças de prata doirada e do séc. XIV e as duas últimas esmaltadas; uma cruz de prata branca no estilo persa-mudejar, e um cofre gótico de prata, do séc. XV; um cálice de prata doirada com patena, manuelino; a cruz monumental de João Rodrigues, de Guimarães, a maior cruz no género existente em Portugal, de prata branca com baixos relevos na base, reproduzindo gravuras alemãs do primeiro têrço do séc. XVI; uma custódia, uma imagem de «S. Sebastião», e uma cruz, de prata e quinhentistas; três cálices e dois relicários no estilo da Renascença; um cofre, uma salva, um gomil, uma bacia, um punhal e um colar de estilo e de fabrico indo-português e oriental; um peitoral de prata, cálices D. João V, uma coroa de oiro com pedras preciosas e um par de brincos com diamantes, do séc. XVIII; condecorações, etc.

É realmente notável êste conjunto de obras de arte. Mas o que mais o valoriza é o excelente espírito de quem o organizou e conserva, procedeu à escrupulosa selecção das peças e as expôs criteriosamente no claustro e nas salas dêsse evocativo ambiente de glorificação nacional e de poesia que é a velha Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

Obras espirituais desta natureza não devem ser apenas realizadas dentro de estreitas normas museológicas e didácticas.

Se considerarmos entre nós, por um lado, a tendência natural para aglomerar peças, convertendo freqüentemente êste género de galerias públicas naquilo a que se denominou com ironia de «museu de recordações de família» e, por outro, a

ausência quási sempre fatal de faculdades indispensáveis para escolher e apresentar o que é digno de expor-se, com probidade e bom gôsto, reconhecer-se-á que o Museu Alberto Sampaio ocupa no País um lugar de excepcional relêvo.

«Essa aglomeração não tem apenas inconvenientes de ordem estética — reconhece o erudito Salomon Reinach — é desanimadora para o visitante, reduz o valor pedagógico das obras primas, expostas em má companhia.»

Ora êste é, sem dúvida, o aspecto mais louvável da organização do Museu Alberto Sampaio: com o saber e o requinte indispensáveis, mas raros, o seu Director seleccionou e expôs modelarmente os mais representativos espécimes das várias colecções.

Criar um museu num edifício próprio, seguindo os preceitos da museologia contemporânea, é relativamente fácil para quem estudar o problema no ponto de vista da sua técnica. Mas adaptar uma construção antiga e tirar dela o máximo partido, dentro das regras e das normas que sirvam melhor semelhante género de estabelecimento cultural, já não é tão fácil. Isso requere uma intuïção privilegiada e qualidades excepcionais de bom senso e de bom gôsto. Tudo isso reüne o organizador e actual director do Museu Alberto Sampaio, sr. Alfredo Guimarães, dedicado e competente animador de uma obra que não deve constituir apenas o orgulho da encantadora cidade minhota e berço da Pátria, mas também merecer, com tôda a justiça, o aplauso e o reconhecimento da Nação.

LUÍS REIS SANTOS